

MÚSICA

Ano 2 - Ed. 03

Revista Roland Brasil
www.musicaeimagem.com.br

& Imagem

PRELUDE

Arranjador com alma brasileira

M-48 LIVE

PERSONAL MIXER

Solução para
monitoração pessoal

RM-700

DIGITAL PIANO

Modelo perfeito
para entretenimento

AX-SYNTH

Controlador de
palco com sintetizador

CAKEWALK

SONAR 8

Inúmeras ferramentas
para produção musical



PEDAL OU PEDALEIRA?

RAFAEL BITTENCOURT E FAISKA

AJUDAM VOCÊ A RESPONDER A ESTA PERGUNTA

Roland

Roland

BOSS

EDIROL

ESS

cakewalk

www.roland.com.br



Sintetizador JUNO-STAGE

A vida é melhor com música



Afinador para instrumentos de sopro TU-12BW



Kit V-Drums TD-4K



Acordeon digital FR-1



Mixer digital M-400



Pedaleira para guitarra ME-70



Amplificador para guitarra CUBE-80X

Roland BOSS EDIROL ESS RODGERS cakewalk

MAIS DO QUE UMA REVISTA

Quando decidimos fazer nossa própria revista, não imaginávamos a extensão do que ela significaria para nós.

Ao chegarmos à terceira edição de *Música & Imagem*, percebi que o processo e a fase de preparação e produção da revista são tão importantes quanto tê-la pronta para distribuir aos nossos leitores.

O que fica estampado nas páginas é apenas uma parte da imensa carga de energia gerada por informações, pensamentos, conversas, encontros, imagens e sensações. Graças a isso, aprendemos muito.

O fazer da revista nos obriga a sermos disciplinados. Também requer equilíbrio e ponderação, pois o espaço é limitado para uma quantidade tão grande de assuntos. Qual vai ser a pauta? Quem vai para a capa? Por quê?

Editar a própria revista nos remete também à reflexão. Para nós, a revista é



praticamente uma autobiografia. Nela ficam registradas atividades, produtos que chegam e aqueles que fizeram história, opinião de especialistas, temas que dizem respeito ao mundo da música e da imagem, acontecimentos, memórias, momentos e nossos parceiros.

E, falando em parceiros, fica aqui um relato pessoal sobre Rafael Bittencourt e Faíska – ambos consagrados guitarristas do rock que gentilmente aceitaram o convite de participar da capa desta edição.

Conheci o Rafael em dois momentos diferentes: o primeiro durante a *Expomusic*, já no último dia, derradeira apresentação no auditório BOSS. Nosso pessoal estava desligando os equipamentos e ele,

pacientemente, conversava e atendia a moçada que não queria ir embora. Pensei comigo: “com toda essa fama, um astro do rock, e ele lá, no maior respeito e atenção com seus fãs”. A outra ocasião foi o aniversário da filha de Sergio Motta, nosso gerente de produtos. Estavam o guitarrista, a esposa e a filha em ambiente totalmente familiar, festa de criança, comendo cachorro quente, pipoca, som da Xuxa na caixa...

A história com o Faíska é mais antiga. No início dos anos 80, tocamos juntos no Opus 2001, uma conceituada casa de jazz de São Paulo. Na época, eu tinha 22 anos e tocava gaita, piano e trompete. Era um “estagiário” fazendo ponta no meio de gente experiente como o Faíska, Nenê (baixista dos Incríveis) e Jacaré (sax alto). O Opus 2001 fechou e cada um seguiu o seu caminho.

Quando digo que *Música & Imagem* é mais do que uma revista para a Roland Brasil, é por causa dessas coisas. Ela traz recordações e emociona. Sintetiza, mas também provoca. Ela desafia e nos recompensa. Ela nos dá liberdade, mas também cobra. Ela nos envolve e nos motiva.

E fazemos isso porque gostamos.

J. Takao Shirahata – Presidente, CEO – Roland Brasil

EXPEDIENTE

MÚSICA

Revista Roland Brasil

PRESIDENTE

Takao Shirahata

GERENTE GERAL

Celso Bento

EDITOR

Nilton Corazza

REDAÇÃO

Rafael Furugen

COLUMNISTAS

Itamar Collaço e André Zamp

COLABORADORES

Alex Lameira, Amador Rubio, Gino Seriacopi, Pakito, Sergio Motta, Sergio Terranova Jr., Leandro Justino, Maurício Martins, Michel Brasil, Pedro Lobão, Raphael Daloia Neto e Renan Dias

FOTOGRAFIA

Mário Moreno

CONTEÚDO ON-LINE

Mário Moreno e Fernanda Arrazi

ARTE/DIAGRAMAÇÃO

Detonart's Criações

IMPRESSÃO/ACABAMENTO

Oceano Indústria Gráfica e Editora

JORNALISTA RESPONSÁVEL

Nilton Corazza (MTb 43.958)

MÚSICA & IMAGEM

Revista Roland Brasil na internet
www.musicaeimagem.com.br

FALE COM A REDAÇÃO

revista@roland.com.br

VISITE NOSSO SITE

www.roland.com.br

Os editores não se responsabilizam por opiniões emitidas por colaboradores em artigos assinados. Não é permitida a reprodução total ou parcial das matérias publicadas.

06

CARTAS

Opiniões e sugestões dos leitores

08

TURNÊ

Artistas e eventos Roland Brasil

11

MUNDO ROLAND

A presença da Roland Corporation na mídia

12

PERFIL

A influência dos produtos Ediol nos trabalhos de Cadu Datoro

14

CLÁSSICO

Roland TR-808: item obrigatório nos estúdios

16

NOVOS PRODUTOS

Os lançamentos mais recentes

20

INTERAÇÃO

As inúmeras ferramentas do software Cakewalk Sonar para uma produção

22

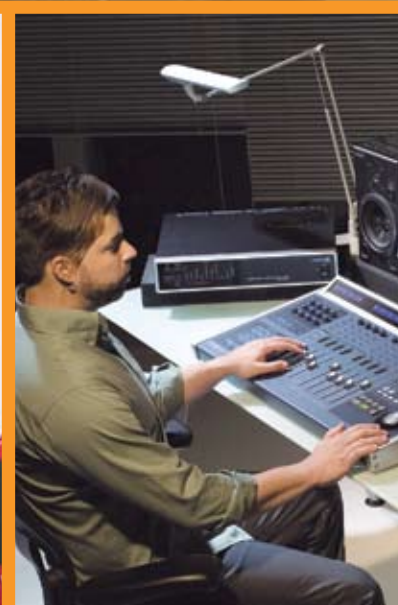
CAPA

A eterna discussão sobre pedais e pedaleiras

28

PRELUDE

Sonoridade brasileira em um instrumento topo de linha



32

M-400 E M-48

Solução em monitoração pessoal

36

RM-700

Modelo completo para entretenimento

40

AX-SYNTH

Controlador que liberta o tecladista das amarras no palco

44

ESPECIAL

A influência dos jogos eletrônicos no aprendizado musical

46

PERGUNTE AO ESPECIALISTA

As respostas para as dúvidas mais frequentes

48

CARREIRA

Bandas de baile: excelente opção para músicos profissionais

49

EDUCAÇÃO

A importância da prática em grupo

50

FRONTEIRAS

Saiba como Demian Quirino instalou uma TD-3 no porta-malas de seu carro

EDIROL by Roland

255 by Roland

RODGERS

cakewalk by Roland

Roland

BOSS

EDIROL by Roland

255 by Roland

RODGERS

cakewalk by Roland

EDIROL by Roland

255 by Roland

RODGERS

cakewalk by Roland

Roland

BOSS

EDIROL by Roland

255 by Roland

RODGERS

cakewalk by Roland

BOSS É BOSS

Olá, pessoal da Roland. Gostaria de parabenizar a revista que ajuda milhares de pessoas a encontrarem informações do ramo musical referentes a produtos de ótima qualidade como os desenvolvidos pela BOSS. Atualmente, tenho uma pedaleira GT-10 e estou muito orgulhoso e satisfeito com o "poder" que ela me dá. Creio que uso somente 15% da capacidade de fogo dela, mas, mesmo assim, o som é monstruoso. Estive no *BOSS Guitar Day* deste ano e conheci a ME-70. Também tem uma sonoridade ótima! É uma boa aquisição para quem não tem condições de comprar um modelo topo de linha, mas não deixa de ser um equipamento para toda a vida. Como dizem, "um tanque de guerra". Parabéns a todos que contribuíram para que *Música & Imagem* seja para muitos instrumentistas - profissionais, intermediários ou iniciantes - a fonte que mostra as possibilidades e a versatilidade de excelentes e fiéis equipamentos!

*César Augusto
(por e-mail)*

Nosso objetivo é exatamente esse, César: ajudar os músicos a encontrarem informações a respeito de nossos produtos. E esta edição está especialmente interessante para quem é guitarrista, pois Rafael Bittencourt e Faiska falam sobre as particularidades de pedais e pedaleiras e por que preferem um ou outro. Fique ligado!

ORGULHO NACIONAL

Amigos de *Música & Imagem*, sou tecladista desde criança e meu sonho sempre foi ter um arranjador Roland. Somente agora pude adquirir um, mas a espera valeu a pena: o GW-8 correspondeu plenamente a todas as minhas expectativas. Os ritmos brasileiros são muito bem-feitos e dão a real sensação de que foram elaborados por aqui. Tenho até orgulho de mostrar o instrumento para meus colegas. O mais bacana é que a primeira vez que li sobre esse produto foi na revista de vocês. Isso prova que estão no caminho certo. Continuem assim.

*Carlos Batista Sereno
(por e-mail)*

Caro Carlos, agradecemos muito sua mensagem e ficamos ainda mais felizes em saber que está satisfeito com o teclado que adquiriu. É importante salientar que os ritmos brasileiros do GW-8, assim como do Prelude (leia matéria na página 38), foram desenvolvidos em conjunto pelas equipes Roland do Brasil e do Japão. Isso garantiu não apenas a qualidade, mas a naturalidade dos estilos. Continue acompanhando nossa revista e descobrindo outros equipamentos que podem atender às suas necessidades. Forte abraço.

BRINDES

Prezados senhores, gostaria de solicitar o envio da revista *Música & Imagem*, adesivos V-Drums e BOSS, camisetas e outros produtos da Roland para um festival de música que realizaremos com mais de 25 bandas independentes do Rio de Janeiro. Serão 12 dias de apresentações, tendo, como convidados e jurados, artistas, donos de estúdios, produtores e outras pessoas do meio, além das bandas participantes e do público fã de rock e pop. Agradeceria muito se fosse possível enviar esse material à tempo e em quantidade suficiente para todas as bandas. Estive presente à exibição da V-Drums com o baterista Gino Seriacopi no Estúdio Maracatu Brasil. Esse produto é simplesmente fantástico! Parabéns a todos.

*Luiz Paulo Brandão
(por e-mail)*

*Caro Luiz Paulo, infelizmente seu pedido chegou quando toda a tiragem de *Música & Imagem* havia se esgotado. Esperamos poder atendê-lo em um próximo evento, tanto com nossa publicação quanto com os outros brindes que solicitou. E, realmente, as baterias eletrônicas da linha V-Drums são fantásticas. Leia na página 16 a respeito do topo de linha, a TD-20KX, lançamento mundial da Roland que está chegando ao Brasil. Obrigado.*

OBS.: As mensagens publicadas aqui tiveram os e-mails omitidos para privacidade de seus autores.

ESTE ESPAÇO É SEU!
ENVIE SUGESTÕES, CRÍTICAS E ELOGIOS EM RELAÇÃO A *MÚSICA & IMAGEM* - REVISTA ROLAND BRASIL.

POR CARTA: MÚSICA & IMAGEM - REVISTA ROLAND BRASIL
RUA TEODORO SAMPAIO, 727 - PINHEIROS, SÃO PAULO - SP
CEP: 05405-050

POR E-MAIL: REVISTA@ROLAND.COM.BR

Show de Imagens



Os switchers Ediol trazem um novo conceito em edição de vídeo para eventos, permitindo o uso de vários tipos de fontes. Além de características convencionais, como fusão, wiper, luminance e chroma key, os modelos V-4 e V-8 oferecem recursos que facilitam a performance ao vivo em sincronismo com um evento musical, o que faz deles as opções ideais para VJs.

Foto meramente ilustrativa



- 2 VGA input
- 150 efeitos de vídeo em alta qualidade
- Chroma e Luminance Key
- 8 memórias

- 96 efeitos de vídeo em alta qualidade
- mais de 200 tipos de wiper
- BPM Sync
- PinP



ADMIRAÇÃO MÚTUA

Nem a contemporaneidade de Herbie Hancock ou a versatilidade de Jean Michel Jarre: a principal influência do tecladista Michel Scavassa da Costa – artisticamente conhecido como Michel Skava – é a criatividade de Luiz Schiavon. Essa admiração começou quando o instrumentista ouviu pela primeira vez o álbum *Revoluções por Minuto*, gravado pela banda RPM em 1985. “Estava escutando alguns LPs de meu pai e fiquei espantado com aquela sonoridade diferenciada”, relembra.

A partir deste fato, o garoto resolveu se informar melhor a respeito do responsável por aqueles timbres tão particulares e, com isso, passou a seguir seus passos. Nem mesmo o

fim do RPM foi entrave para que o músico continuasse acompanhando a carreira do ídolo. “Alguns amigos trabalhavam com ele em produções para novelas. Por isso, nunca perdi contato”, explica.

A influência de Schiavon pode ser observada nos projetos realizados por Skava. E o próprio instrumentista confessa que utiliza muitas técnicas aprendidas com o mestre. “Costumo usar aquela onda que ele fazia no RPM, com os sintetizadores e os arpejadores em tempo real”, assume. Entre os inúmeros trabalhos que realiza, principalmente como tecladista da banda KLB, Skava ainda consegue tempo para aprimorar sua carreira solo. O músico está preparando

um disco instrumental que mistura ritmos brasileiros e eletrônicos. Com lançamento previsto para outubro deste ano, o álbum contará com participações de diversos artistas renomados, como o baterista Albino Infantozzi. “Ele com a bateria TD-20, enquanto comando os sintetizadores”, revelou.

Em 2009, o tecladista teve a oportunidade de encontrar com o ídolo e ficou surpreendido com uma declaração. Perguntado sobre o que ele achava do trabalho de Skava, Schiavon confirmou que ficou impressionado com o novo instrumentista. “É um rapaz criativo, muito habilidoso na modelagem de timbre. Agora é o contrário, eu virei fã dele.”



Luiz Schiavon e Michel Skava: fãs de carteirinha



NOVA EDIÇÃO

Os músicos residentes nas cidades de São Paulo e Belo Horizonte foram os primeiros a conferir a nova edição do *BOSS Guitar Day*. Em ambas as ocasiões, o gerente de produtos BOSS, Sergio Motta, ministrou o workshop “Dicas de utilização de pedaleiras”, além de discorrer sobre alguns equipamentos da marca, entre eles a ME-20, a ME-70 e a GT-10. Na capital paulista, os presentes também puderam acompanhar performances de Pedro Lobão, especialista de produtos BOSS; e Fernando Miyata, professor de guitarra e personal trainer da EM&T (Escola de Música e Tecnologia).

PERSEVERANÇA

Em 1º de setembro, a Roland Brasil – com o apoio da Vivo e do Conexão VIVO – promoveu a decisão brasileira do 3º Festival Internacional Roland de Acordeon. E o grande vencedor foi o catarinense Orimar Hess Júnior, premiado com um V-Accordion FR-7, além de garantir o direito de representar o País na disputa do título de “Melhor Acordeonista do Mundo”. O segundo colocado foi o pernambucano Giordano Mahatma Rosendo da Costa, enquanto o gaúcho Carlos Alberto Ceccagno Vivian conquistou a terceira posição.

Hess, que também participou da segunda edição do festival, terminando com o vice-campeonato, fez uma apresentação emocionante, cativando o corpo de jurados formado por Takao Shirahata, presidente CEO da Roland Brasil; Roberto Bueno, presidente da Regional São Paulo da OMB (Ordem dos Músicos do Brasil); Frank Aguiar, vice-prefeito de São Bernardo do Campo; Maurílio Lima, diretor do projeto Conexão VIVO; e Jackson Jofre Rodrigues, vencedor da etapa brasileira do 2º Festival Internacional Roland de Acordeon. Entre as músicas da performance do joinvilense, destacaram-se “Assanhado”, de Jacob do Bandolim, e “Spain”, de Chick Corea.



APRESENTAÇÃO DE GALA

No início de junho, a Roland Brasil apresentou o V-Piano, ícone de uma nova geração de pianos digitais. Capaz de reproduzir fielmente um instrumento acústico, além de proporcionar sonoridades possíveis somente por meio da virtualização, o instrumento encantou a plateia presente no Auditório Roland, localizado na capital paulista.

Sergio Terranova, gerente de produtos Roland Brasil, iniciou o *V-Piano Premiere* detalhando alguns recursos do novo equipamento, como o Progressive Hammer Action III e o Sweet Spot. Em seguida, o pianista, tecladista e arranjador Jether Garotti Jr. (foto) apresentou os inúmeros ajustes de parâmetros que podem ser realizados com o V-Piano. No fim do evento, quando os presentes foram convidados a experimentar o instrumento, Caixote, integrante da Banda Domingão, fez uma breve performance.

SONORIZAÇÃO

Entre os dias 29 e 30 de julho, ocorreu o *Seminário Roland & Brasil Áudio para pastores e líderes*. O evento, realizado no Auditório Roland, em São Paulo, apresentou as melhores opções de áudio e vídeo para aprimorar ambientes onde são ministrados cultos religiosos. O público presente pôde conferir apresentações de Alex Lameira, gerente de produtos RSS, Ediol e Cakewalk; Daniel Di Castro, consultor de áudio da loja Brasil Áudio; e Maurício Monteiro, líder técnico e musical da Bola de Neve Church; além

das participações de Renan Dias e Maurício Martins, especialistas de produtos Roland Brasil.

Além de palestras, foram demonstrados alguns equipamentos das marcas Ediol e RSS. Entre os destaques, estavam a console V-Mixer M-400 Live

Mixing, o sistema de distribuição de áudio a longas distâncias Digital Snake; o monitor pessoal Live Personal Mixer



M-48; o switcher de vídeo V-8 Video Mixer; e o reproduzidor portátil de vídeo P-10 Visual Sampler.

PARCERIAS



A Roland Brasil firmou parceria com mais sete artistas nacionais. Na parte de teclas, Marcos Pontes, popularmente conhecido como Caixote, está utilizando quatro instrumentos desenvolvidos pela Roland: o RD-700GX, o Juno-Stage, o VK-8M e o Fantom-G7. Este último, no entanto, é o preferido. "Ele é muito rápido quando estou fazendo apresentações, tornando seu uso fácil e prático", explica. Ilca Leanza, integrante da banda Altas Horas, também conta com o auxílio do Juno-Stage e do RD-700GX, enquanto a acordeonista Thais Andrade, aproveita a versatilidade do V-Accordion FR-1 para executar seus projetos. "É a melhor opção para quem quer praticidade e qualidade."

Na área de cordas, outros três artistas se destacam. Carlos Nascimento, mais conhecido como Tomati, utiliza os amplificadores MICRO CUBE, MICRO CUBE-RX e CUBE-80X, além

dos racks GT-Pro e SE-70 e dos pedais Compression Sustainer CS2, RC-20xl Loop Station e Digital Delay DD3 em seus trabalhos. A guitarrista Marise Marra, que recentemente finalizou o segundo disco-solo, intitulado *Arrebatador*, costuma usar a pedaleira GT-10 e o estúdio digital de gravação BR-1600CD para auxiliá-la em seus projetos. Joe Moghrabi, professor da EM&T (Escola de Música e Tecnologia), conta com uma ME-70. "Se você quiser que a sua técnica e os seus acordes sejam levados a sério, vá buscar esse equipamento", aconselha.

A mais recente parceira da empresa é a DJ Lisa Bueno. Produtora executiva da conceituada escola Electronic DJs, em São Paulo, a artista utiliza dois samplers desenvolvidos pela Roland: o SP-404 e o SP-555. "Por serem completos, as possibilidades são infinitas", atesta.



AUTO-RETRATO

Entre os dias 21 e 23 de agosto, a cantora Fernanda Porto realizou três shows em São Paulo, para promover o lançamento do CD *Auto-Retrato*. Para esses eventos, a artista contou com o auxílio de alguns equipamentos desenvolvidos pela Roland Corporation, como



o switcher de vídeo V-8 Video Mixer; o reproduzidor portátil de vídeo P-10 Visual Sampler; o controlador Motion Dive .Tokyo - todos da marca Ediol -, o sampler percussivo SPD-S, o pad metrônomo RMP-5A e o piano digital FP-4, da Roland.

RAÍZES

Nos dias 7 e 8 de agosto, o cantor sertanejo Daniel iniciou sua nova turnê nacional, intitulada *Raízes*. Os shows, que foram realizados na capital paulista, resgataram sucessos do início da carreira, além de canções da trilha sonora do filme *O Menino da Porteira*.



Para a estreia do espetáculo, os parceiros da Roland Brasil - o tecladista Rodrigo Costa, que também é diretor musical da banda que acompanha o artista, e o pianista João Cleber - contaram com o auxílio do órgão eletrônico VK-88 e do piano digital RG-7, respectivamente. Os instrumentos foram cedidos pela loja Intermezzo, localizada na cidade de São Paulo.



NOVIDADE NA REDE

Desde 2008, quando foi concretizada a aquisição da Cakewalk pela Roland Corporation, o mercado de áudio ganhou novas possibilidades. Com essa mudança, os produtos que antes eram desenvolvidos pela Ediol passaram a sair de fábrica com a marca Cakewalk by Roland. Os interessados em saber mais sobre essa nova empreitada podem acessar o endereço www.cakewalkbrasil.com.br. Além de notícias e eventos, o site conta com informações sobre revendas e detalhes dos equipamentos.

cakewalk
by Roland

MUDANÇAS

Albino Infanzozzi é o novo baterista da Banda Domingão, responsável pelas intervenções musicais do programa dominical mais assistido do Brasil. O músico, que continuará utilizando o kit V-Drums TD-20K, equipado com o módulo



TD-20, ocupou o lugar deixado por Anderson Batista dos Santos, também conhecido como Anderson Karanguejo, que foi acompanhar a dupla sertaneja Bruno & Marrone.



A sonoridade da dupla sertaneja Chitãozinho & Xororó nunca mais será a mesma. Recentemente, o pai de Sandy Leah Lima e Durval de Lima Junior adquiriu uma pedaleira BOSS GT-10 para utilizar durante apresentações e para compor. O cantor e instrumentista ficou impressionado com os efeitos e, principalmente, com o recurso EZ Tone, que baseia a criação de timbres em estilos musicais e gráficos, ajustando vários parâmetros do equipamento ao mesmo tempo.

Novos horizontes

Sempre atento à evolução da tecnologia, Cadu Datoro mostra por que é um dos profissionais brasileiros mais gabaritados do mercado de vídeo

O produtor e cineasta Carlos Eduardo Porto de Oliveira, mais conhecido como Cadu Datoro, é um entusiasta por tecnologia. E essa realidade não poderia ser muito diferente. Atuando em uma área na qual surgem novidades a cada momento, o artista mantém-se sempre atualizado com o auxílio de equipamentos desenvolvidos pela Roland, como os videomixers V-8 e V-440HD, o controlador Motion Dive .Tokyo, o gravador F-1 e o sampler visual P-10, entre outros.

Na direção da produtora Toro, criada em 1998, Cadu produziu inúmeros projetos renomados. Entre os destaques estão o premiado documentário *Botinadas*, de Gastão Moreira, e videoclipes das bandas Charlie Brown Jr. e Ira!. Atualmente, o nome do profissional está muito ligado à cena eletrônica. Após trabalhar com diversos DJs conceituados - entre eles Marky e Patife - e firmar parceria com Anderson Noise, costuma apresentar-se em eventos de massa, como *Skol Beats* e *Spirit of London*.

Como surgiu o interesse pela produção de vídeos?

Queria muito ser artista plástico, mas não tinha habilidade para isso. E, como sempre gostei de informática, pensei em ser arquiteto. No cursinho, porém, descobri que cinema poderia ser uma opção, já que reunia todas as coisas de que eu gosto. Qualquer forma de expressão artística em movimento me anima e emociona. Com o passar do tempo, fui conhecendo os setores desse campo, desde o tradicional até a animação em computação gráfica. Tudo isso que costumamos chamar de vídeo fez que eu me interessasse e profissionalizasse na área.

A produtora Toro foi fundada em 1998. Por que decidiu investir nesse segmento?

Tudo começou com o interesse de diversos amigos em ter um espaço comum para o desenvolvimento de projetos de vídeo. No mesmo ano, porém, ficamos cansados da monotonia do horário comercial, além das normas e padrões de relacionamento profissional. Por conta disso, alguns sócios resolveram investir em outro formato: trabalho por "job", respeitando o ritmo, mas sabendo que os prazos não poderiam ser quebrados. Naquela época, o mercado de vídeo ainda estava iniciando. Então, juntamos nossas economias e compramos o computador mais caro do momento. Lembro que o HD de 2Gb tinha preço equivalente a um

de 2Tb atualmente. Mesmo com todas as dificuldades, conseguimos crescer, produzindo materiais de qualidade e sempre ajustados com as expectativas de cada cliente.

Quais foram os principais trabalhos elaborados pela Toro?

Foram diversos projetos realizados durante esse tempo. Entre os principais, destaco os relacionados com o meio musical, desenvolvidos na época em que o videoclipe ainda era algo importante. Tanto que tivemos algumas indicações para o VMB (Video Music Brasil), com Charlie Brown Jr., Marcelo D2 e Ira!, entre outros. Além disso, me orgulho de ter finalizado o documentário *Botinadas*, de Gastão Moreira, um marco na história do rock nacional, e *Connection 1969*, do DJ Anderson Noise, que conta um pouco sobre os 20 anos de carreira do artista.

Por que decidiu investir na cena eletrônica?

Tecnologia e arte me motivam. Amo outros estilos, mas, atualmente, vejo a cena eletrônica como a única que ainda guarda um sentimento meio revolucionário. E como classificar esse mercado? Se pensar um pouco, todos os discos mais recentes são eletrônicos. Não existem vocais, guitarras ou caixas que não passaram por um compressor ou por acerto de timbre e tempo. Nesse ponto, acho a e-music mais sincera. Samplers, ruídos e frequências podem ser chamadas de verdade absoluta de todo processo que, há muitos anos, deixou de ser analógico.

Como utiliza os equipamentos desenvolvidos pela Roland?

Para performances de música eletrô-

ca, costumo utilizar o videomixer Edírol V-8 conectado a um controlador Motion Dive .Tokyo, além de algumas câmeras ligadas ao composto para projeções. Em eventos de grande porte, levo um videomixer V-440HD. O equipamento auxilia na edição das imagens que são transmitidas ao vivo em alta definição. Para produção de DVDs, conto com o apoio do gravador F-1, que elimina as trocas de fita e possibilita o início simultâneo de vários equipamentos

"O talento pessoal vai se sobrepôr à qualidade do material"

conectados a um notebook por meio da rede ethernet. Por último, o P-10 é indicado para apresentações em ambientes com menos luz, já que conta com pads iluminados que ajudam muito nessas situações. Além disso, ele permite que eu carregue diversas animações em um único cartão de memória.

Por que decidiu firmar parceria com a Roland Brasil?

Uma das características da Roland que sempre chamou a minha atenção foi o fato de não ter medo de inovar. E essa visão do futuro é o que tanto me interessa. Afinal, apesar de estar consolidada em todos os segmentos do mercado musical, a empresa ainda encontra fôlego para tentar desenvolver equipamentos para um setor fortemente representado, como o de vídeo. Isso demonstra como ela tem força para se renovar e recriar. Além disso, compartilho da mesma opinião a respeito da migração das mídias. Acho fantástico utilizar um videomixer V-4 em um show de rock juntamente com o gravador F-1 via ethernet. Essa visão multitemática de não se ater a uma área é que me encanta. E, nesse sentido, contribuo utilizando todos os recursos

disponíveis nos produtos, mesmo que não sejam pensados para tal finalidade.

De que maneira conheceu os equipamentos Roland?

Assim que começaram a utilizar vídeos em performances ao vivo, passamos a quebrar a cabeça para encontrar um jeito barato e fácil de executar esse tipo de trabalho. Antigamente, costumávamos levar diversas fitas U-Matic para cada música e editávamos na hora, em uma ilha. Era algo surreal e muito caro, o que fazia dessa prática algo exclusivo para artistas renomados. Até que, entre 2005 e 2006, conheci Tomoyasu Hirano, um dos idealizadores do Motion Dive .Tokyo. Essa console/software simplificou muito o processo.

Qual o futuro para o mercado de vídeo?

Acredito que as mídias se fundirão e, com isso, todo o conceito de que as coisas são separadas não existirá mais. Antigamente, para tornar-se famoso, era preciso gastar muito dinheiro para promover um trabalho. Agora, com a democratização dos meios de produção e transmissão, as pessoas estão disputando a mesma atenção que um comercial de um grande produto. Por conta disso, existe um pânico entre as agências. Há 10 anos, ninguém imaginaria que um vídeo de 2 megabytes, com custo de 20 reais, seria visto por mais de 4 milhões de pessoas. No fim, o talento pessoal vai se sobrepôr à qualidade do material. Áudio, imagem e interatividade estão cada vez mais comuns. No futuro, provavelmente, você estará controlando uma das 14 câmeras de um show com um celular, enquanto uma pessoa em Shangai será responsável por editar esse material via internet em tempo real para transmitir pela web. **(Rafael Furugen)**





Roland TR-808

A primeira bateria eletrônica programável apreciada por profissionais da música ainda é item obrigatório nos estúdios

O que Marvin Gaye, Whitney Houston, Afrika Bambaataa e Snoop Doggy Dogg têm em comum? Quem pensa que somente o fato de serem representantes da chamada black music, nas suas mais variadas tendências, é o que une esses artistas, está enganado. Que tal adicionar à lista nomes como Jean Michel Jarre, Tom Jones, Phil Collins e Beastie Boys? Com um currículo de participações como este, a Roland TR-808 Rhythm Composer é um dos equipamentos mais utilizados por produtores e músicos durante as últimas duas décadas. Venerada e cultuada desde seu lançamento até os dias atuais, a drum machine recebeu homenagens em forma de nome de

grupos (808 State) e álbuns (808 & Heartbreak, de Kanye West), além de ser um dos poucos equipamentos reconhecidos apenas pelo código (808 ou eight-o-eight). Além disso, sua sonoridade é identificada instantaneamente, mais do que a de qualquer outra drum machines programáveis do mercado. Lançada em 1980, foi desenvolvida originalmente para servir como ferramenta de estúdio na gravação de demos. Assim como vários outros produtos da mesma categoria na época, não oferecia timbres realísticos de instrumentos de percussão, pois não tinha samples. Apesar disso, foi muito utilizada em canções R&B - como "Sexual Healing", de

Marvin Gaye - e na electro black music - "Planet Rock", de Afrika Bambaataa e Soulsonic Force, é um exemplo.

A primeira aparição do equipamento em palco ocorreu na música "1000 Knives", em um show da Yellow Magic Orchestra, de Ryuichi Sakamoto, em dezembro de 1980, no Japão. O sucesso, porém, veio nas pistas de dança. Os DJs, sobretudo de Chicago, colocavam as TR - as iniciais do nome são uma abreviatura de Transistor Rhythm - para tocar junto com a discotecagem, o que permitia mixar as faixas sem interrupções. Desde então, o timbre marcante das percussões tornou-se padrão em estilos como dance, techno, hip-hop e trance, entre outros.

RECURSOS

A TR-808 é uma clássica drum machine, desenvolvida a partir dos modelos TR-55, TR-77 e CR-78. Esses equipamentos utilizavam circuitos de ressonância para os sons de tambores com afinação e ruído branco moldado para os outros. A 808 aprimorou essa técnica incluindo, por exemplo, osciladores de onda quadrada e reverberação analógica. Além disso, passou a oferecer uma diversidade maior de sons, controle de volume individual para cada timbre e de tone-shaping para os mais importantes. A sonoridade resultante, diferente de tudo até então, foi o ponto fundamental para a disseminação do produto.

O sequencer é verdadeiramente arcaico, mas funcional. Os instrumentos são selecionados por um controle rotativo. As 16 partes de um pattern são representadas por botões coloridos. Basta ao músico, portanto, escolher em quais delas o timbre deve ser reproduzido e apertar o passo correspondente. O LED embutido se acende, confirmando os que

foram acionados. Desse modo, é muito fácil visualizar em quais segmentos um dos sons está sendo executado e adicionar os outros, um por vez. Qualquer erro pode ser cancelado pressionando uma segunda vez a tecla correspondente. A programação em tempo real também é possível, bastando deixar o ritmo correr e acionar TAP no momento desejado. Automaticamente os LEDs se acenderão nas partes escolhidas.

Os patterns podem ser divididos em duas partes, cada uma delas com diferente número de passos, se necessário, até o máximo de 32. Elas também abrigam variações A e B, alternadas manual ou automaticamente. Um banco dedicado de quatro padrões de ritmo pode ser usado para introduções ou fill-ins, disparados pelo botão TAP.

A memória aumentou substancialmente: 64 patterns ou 768 compassos podem ser armazenados e reunidos em até 12 trilhas. Infelizmente, porém, é volátil, mantida apenas com o

uso de pilhas.

Na época em que a TR-808 foi lançada, o protocolo MIDI ainda não havia sido definitivamente homologado e, portanto, ela não traz essa opção. Em vez disso, oferece DIN Sync para que seja sincronizada com outros equipamentos. Graças à popularidade que alcançou, no entanto, vários fabricantes passaram a fornecer kits de implementação MIDI para o modelo nos anos seguintes. Um dos destaques da drum machine, no entanto, é o conjunto de conexões: 11 saídas de áudio independentes, duas mix/mono e três gate/trigger, para disparar sons externos. Além disso, entradas para footswitches de Start/Stop e Intro/Fill-In dão ao músico mais liberdade.

Com tudo isso, a TR-808 demonstrou ser perfeita para experiências rítmicas, criação de padrões, improvisação com outros instrumentos e uso com sequencers, ou seja, tudo que os atuais produtores, músicos e compositores desejam. **(Nilton Corazza)**

FICHA TÉCNICA	
Ano de lançamento	1980
Sons	16 timbres analógicos: bass drum (BD), snare drum (SD), low conga (LC), low tom (LT), mid conga (MC), mid tom (MT), high conga (HC), high tom (HT), claves (CL), rim shot (RS), maracas (MA), hand clap (HC), cow bell (CB), cymbal (CY), open hi-hat (OH) e closed hi-hat (CH).
Memória	64 patterns e 768 measures
BPM	33 a 300
Outputs	11 individuais, duas mix/mono e três gate/trigger
Sincronismo	Roland DIN sync in/out
Footswitch	Start/Stop e Intro/Fill-In



TD-20KX

O visual de metal industrial escovado dos V-Pads, o V-Kick maior, V-Cymbals na cor prata e um rack cromado sólido e resistente impressionam quem vê o kit **TD-20KX** pela primeira vez. A nova estrela da linha V-Drums chega ao mercado com a difícil missão de substituir a TD-20, que fez sucesso por reproduzir fielmente a sensibilidade de uma bateria acústica, além de oferecer inúmeros recursos a mais. Ao que tudo indica, no entanto, a tarefa será cumprida com folga: o módulo TD-20X está carregado com centenas de timbres poderosos e expressivos e conta com

um set de ferramentas que integra toda a potência do TD-20 e os acréscimos da placa de expansão TDW-20. São 920 sons de instrumentos de percussão e 100 kits disponíveis, além de 99 bancos internos. Novos algoritmos de compressão, por sua vez, imprimem potência e punch sem precedentes. Com isso, o controle de dinâmica foi ainda mais aprimorado, para que o músico atinja uma performance ao mesmo tempo natural e poderosa. Entre os recursos presentes, estão 25 salas de ambiência - com ajuste de tamanho, tipo de parede, posição de microfone

e modelo - e o Kit Resonance incluído no V-Edit. Dos efeitos à disposição, podem ser citados equalizador e compressor (independentes para cada pad), multiefeitos (13 tipos), reverb e chorus (para sons de acompanhamento). O kit conta ainda com uma grande inovação: V-Kick e V-Pads podem ter seus revestimentos trocados e suas cores customizadas, o que, juntamente com o rack redesenhado e reforçado para fornecer maior estabilidade, apuro e flexibilidade nas opções de montagem, fazem da TD-20KX a bateria ideal e perfeita para uso profissional em palcos.



VS-100

O **Sonar V-Studio 100 (VS-100)** é o segundo produto Cakewalk da série V-Studio. Trata-se de um "tudo-em-um": gravador, mixer digital, interface de áudio e superfície de controle para DAW. Em um console compacto, o equipamento é a solução ideal para criar, registrar, produzir e apresentar-se, com ou sem computador.

Como interface de áudio USB, o VS-100 oferece taxa de resolução de 96kHz em 24 bits, oito entradas (mais mix) e seis saídas, dois pré-amplificadores com phantom power, entrada de alta impedância para guitarras e outros instrumentos musicais, conexões MIDI In/Out e compatibilidade com drivers ASIO, WDM, WASAPI e Core Audio.

Os mais populares softwares de áudio do mercado (Sonar, Logic, Live, Cubase e Digital Performer, entre outros) podem ser comandados pela superfície com fader motorizado de 100mm, 5 botões rotativos e 11 controles, além dos dedicados ao transporte. E, longe de um computador, o equipamento trabalha como mixer digital, disponibilizando desde efeitos obrigatórios - como reverb - até seis canais de equalização e compressão.

O VS-100 ainda oferece dois tracks de gravação e reprodução de alta qualidade em cartões SD, com possibilidade de inserção de markers, produção de loops e transferência para o computador via USB, além de um metrônomo incorporado.

Para tirar melhor proveito de toda essa capacidade, o V-Studio 100 é fornecido com uma coleção de softwares que inclui instrumentos e efeitos, como VX-64 Vocal Strip, Dimension LE, Rapture LE e Sonar VS, edição especial do mais utilizado e completo pacote de produção musical da atualidade.



FRV-1

Recriar clássicos da história de equipamentos musicais é uma tarefa árdua. De modo geral, os componentes originais estão indisponíveis e as sonoridades resultantes não são as mesmas que revolucionaram a produção artística e inspiraram compositores, produtores e instrumentistas. Graças à tecnologia COSM de simulação, no entanto, a BOSS vem disponibilizando para o mercado produtos que respondem de forma fiel às necessidades e aos anseios de quem conhece as particularidades dos precursores.

Prova disso é o **FRV-1**, pedal compacto desenvolvido pela empresa juntamente com a Fender USA, que recria com perfeição o timbre clássico do lendário 1963 Fender Reverb, unidade valvulada de reverberação de mola que fez história e teve participação decisiva em muitos movimentos e estilos musicais da época, como surf music, rockabilly, country e blues. Mais tarde, foi utilizado no grunge e outros gêneros modernos.

Com visual supervintage como o modelo que o originou, o FRV-1 possui três controles - *Dwell, Tone e Mixer* - que permitem criar desde timbres calorosos e suaves, até os mais agudos e brilhantes. Tudo isso em um pedal compacto extremamente resistente, marca registrada da BOSS.



JUNO-Di

Roland

A família JUNO acaba de ganhar um novo componente. O **JUNO-Di** chega ao mercado com a promessa de ser o mais intuitivo, interativo e inteligente sintetizador profissional. Com mais de mil patches produzidos por um potente chip Roland, timbres de todos os instrumentos, entre pianos acústicos e elétricos, cordas, metais e percussão, fazem companhia a modernos sons sintetizados e exóticos, oferecendo uma ampla gama de sonoridades que atendem a qualquer exigência ou desejo. E essa grande biblioteca não é a única fonte de recursos: a seção *Sound Modify* permite a modificação em tempo real de diversos parâmetros, proporcionando ao músico espaço para sua criatividade e rapidez no desenvolvimento de programações.

Para facilitar a performance, os patches estão distribuídos por categorias de instrumentos, com acesso direto no painel frontal, e o usuário pode arquivar seus timbres prediletos nas memórias Favorite. Criar uma camada de sons (layer) ou tocar com o teclado dividido (split) também é um processo simples e divertido graças aos

botões dedicados e ao amplo display LCD. Outro recurso interessante é a presença de ritmos internos que podem ser ajustados para qualquer beat, por meio do knob de controle de tempo.

Com o uso de um pen drive, é possível reproduzir mp3, WAV, AIFF ou SMF. Botões dedicados proporcionam total interatividade com eles, permitindo alteração de tonalidade e andamento e, até mesmo, cancelar ou minimizar a voz de arquivos de áudio com a função *Center Cancel*, transformando o JUNO-Di em um karaokê profissional. E a entrada para microfone oferece efeitos de reverb e Vocoder para incrementar ainda mais as performances.

Por causa do chassi resistente e superleve (apenas 5,2 quilos), o JUNO-Di é perfeito para quem deseja mobilidade e facilidade para apresentar-se ou divertir-se em qualquer lugar. Além disso, o equipamento funciona por até 5 horas com pilhas.



VE-20

BOSS

Disponível no Brasil a partir de janeiro de 2010, o **VE-20 Vocal Processor** é a solução oferecida pela BOSS para cantores. Com toda praticidade e facilidade dos pedais para guitarra, o produto vem equipado com efeitos de altíssima qualidade e essenciais para voz, como reverb, delay, dynamics e chorus, entre outros. Além disso, o equipamento permite adicionar instantaneamente até três camadas e harmonias às linhas vocais e para isso, as opções mais comuns de aberturas vocais estão disponíveis, como uma terça acima e uma quinta abaixo. Para "encorpar" ainda mais o resultado, está disponível a função *Double Track*. Entre os recursos mais úteis e necessários em um aparelho com o propósito de ser o companheiro dos vocalistas, a novidade carrega um corretor de afinação, capaz de retificar as notas que se afastaram do ideal. Além disso, o VE-20 Vocal Processor oferece uma expressiva coleção de efeitos especiais, incluindo *Electric* (famoso por ser utilizado por artistas como Cher, Black Eyed Peas e Luciana Melo, entre outros), *Robot*, *Strobe*

(*Rotary Speaker*) e *Distortion*, que permitem ao cantor dar vazão à sua criatividade.

Derivada do BOSS RC-20XL Loop Station, a função *Phrase Loop*, por sua vez, coloca à disposição do usuário 38 segundos de gravação para loops e frases em camadas, para que, desde scats até beat-box, tudo possa ser registrado e reproduzido.

O melhor de tudo é que o VE-20 Vocal Processor é muito fácil de usar, o que faz dele uma prática ferramenta de processamento de efeitos até mesmo para iniciantes, apesar de agregar uma grande variedade de recursos de edição.



Com a mesma construção sólida e resistente dos tradicionais pedais BOSS, o equipamento é ideal para a estrada, pois possui tamanho idêntico aos modelos TWIN de guitarra (para caber em pedalboards da marca, como a BCB-60, ou em cases de viagem). Além disso, possui phantom power para microfones condensadores e funciona com pilhas AA ou fontes originais BOSS.

eBAND JS-8

BOSS

O player de áudio com efeitos para guitarra **eBand JS-8** promete tornar-se o companheiro inseparável dos guitarristas. Dotado de conexão USB para pen drives e compatível com cartões de memória SDHC de até 32Gb, permite reproduzir arquivos WAV e mp3 diretamente do memory stick, com possibilidade de ajustes de tempo.

Mas quem pensa que o equipamento se resume a isso, está muito enganado: o JS-8 é recheado com efeitos BOSS de altíssima qualidade derivados da pedaleira GT-10, o que inclui mais de cem timbres de guitarra para todos os estilos musicais, as famosas simulações de amplificador COSM e a função *EZTone*, baseada em ícones gráficos, que oferece uma solução rápida e intuitiva para a criação de sonoridades.

Basta, portanto, conectar uma guitarra no JS-8 para que o instrumentista comece a praticar e a se divertir tocando junto com sua banda predileta. E para tornar essa experiência ainda mais interessante, o recurso *Center Cancel* reduz o volume

dos vocais ou as partes da guitarra do arquivo reproduzido e a função *AB Repeat* repete um trecho específico dele. Utilizando o input Guitar/Mic, o músico pode usar o processamento de efeitos interno para instrumento ou voz, além de gravar e salvar suas "jams".

O JS-8, que estará disponível no Brasil em janeiro de 2010, possui ainda uma biblioteca com 300 loops de áudio, afinador embutido e metrônomo, e pode ser usado como interface de áudio, permitindo transferência de sinais do equipamento (player e guitarra/vocal ao vivo) para o PC via USB. Saída para fones de ouvido e alto-falantes customizados "envenenados" para playbacks poderosos garantem a qualidade sonora.



Sob controle

O Sonar oferece ferramentas que possibilitam desenvolver uma produção musical do começo ao fim, desde a composição até a masterização

Os produtos desenvolvidos pela Cakewalk sempre gozaram de muito prestígio junto a produtores, compositores, instrumentistas e hobbistas. O software de sequenciamento MIDI que fez famoso o nome da empresa foi um dos mais utilizados nos primórdios da computação musical.

Com o avanço da tecnologia e de interfaces capazes de amostrar e reproduzir áudio com qualidade, surgiu o Sonar, irmão mais velho do pioneiro que, além de todas as facilidades e propriedades dele, apresenta recursos ampliados especialmente para o trabalho com arquivos sonoros.

No ano passado, com a aquisição da Cakewalk pela Roland Corporation, o mercado ganhou novas possibilidades. As tecnologias desenvolvidas pelas duas empresas estão sendo utilizadas para a criação de soluções mais atraentes e simplificadas, ao mesmo tempo em que proporcionam recursos de alta qualidade.

Em sua versão 8, o Sonar oferece opções para gravação, composição, edição, mixagem e masterização de áudio e disponibiliza tudo de que um produtor necessita. Com número ilimitado de pistas, ferramentas de criação inovadoras, instrumentos virtuais inspiradores, liberdade para trabalhar com qualquer interface ou superfície de controle e o pacote mais completo em quantidade e qualidade de recursos, o produto é a melhor escolha para workstations de áudio digital. "Este software me surpreende a cada dia", diz Tomi Terahata, consultor de tecnologia musical, técnico de som e responsável pelo auditório da EM&T (Escola de Música e Tecnologia), que utiliza o programa há mais de 15 anos.

COMPOSIÇÃO E ARRANJO

Algumas ferramentas, como o poderoso sequenciador MIDI, o *Staff* (editor de partituras) e o *Step Sequencer*, favorecem tanto a composição quanto a elaboração de arranjos. O primeiro permite gravar trilhas MIDI de forma rápida e prática, assim como editar a sequência gerada com muita facilidade. Com o mouse, o usuário pode corrigir a nota executada, o tempo e a duração, além de alterar parâmetros de envelope tais como attack, decay, sustain e release.

O *Staff* também é um auxílio para a produção, pois, automaticamente, uma partitura do material gravado em uma trilha MIDI é gerada. Nessa janela, é possível editar essa notação, corrigindo eventuais erros na execução, assim como escrever a pauta do início ao fim, selecionar para qual tipo de instrumento ela foi feita (alto, tenor, baixo, percussão etc.) e gerar tablaturas.

O *Step Sequencer*, por sua vez, é uma ferramenta excelente, pois, de forma rápida, permite a criação de um groove de bateria para utilização durante a composição. Esse recurso também pode ser utilizado nos arranjos, criando linhas lo-fi desse instrumento ou de synths, baixos etc, tendo como único limite a imaginação do músico.

GRAVAÇÃO

Após a fase de composição e arranjo, chega o momento de registrar o material concebido. Com número ilimitado de trilhas de áudio e MIDI, o músico pode realmente colocar em prática todas as ideias, sem se restringir à quantidade de canais de gravação. "A partir do momento que as configurações básicas dos dispositivos de áudio e MIDI são realizadas, a preparação de cada track é muito simples e intuitiva", afirma Terahata.

O metrônomo superpreciso permite fazer alterações de andamento em qualquer parte do Time Line. As funções *Punch In* e *Punch Out*, por sua vez, viabilizam que o músico programe o exato momento em que o Sonar começará a gravar sua execução, o que proporciona captar o material com muita perfeição.

Os diversos synths que acompanham o software oferecem uma enorme gama de timbres, efeitos e texturas para enriquecer ainda mais as composições.

MIXAGEM

Ferramentas de automação de efeitos, pan, volume, bus, fade in e fade out, entre outras, abrem para o usuário as portas de um universo cheio de opções. É possível atingir exatamente o resultado concebido nos primeiros estágios da produção (composição e arranjo) e, até mesmo,

DUPLICIDADE

O Sonar 8 é distribuído em duas versões: *Producer* e *Studio*. Sobre a mesma plataforma e qualidade, elas se distinguem pela quantidade de recursos como instrumentos virtuais e plug-ins, mas possuem a mesma capacidade de processamento.

MUDANÇAS

Desde que a Roland Corporation assumiu o controle acionário da Cakewalk, os produtos da empresa relacionados à produção musical carregam a nova marca. Interfaces de áudio e monitores digitais chegam ao mercado com a grife. Alguns dos destaques da linha são as soluções V-Studio 700 (VS-700) e V-Studio 100 (VS-100) que agregam software e hardware, oferecendo interface de áudio, superfície de controle, mixer digital e outros recursos.



ultrapassar as expectativas. Com extrema precisão, erros de execução, beat, andamento, tonalidade e muitos outros podem ser corrigidos. E, na área de interação com vídeo, o software oferece a possibilidade de sonorizá-los em 2.0 ou 5.1 Surround.

Os plug-ins que acompanham o pacote, por sua vez, permitem controlar dinâmica e equalização, assim como criar ambientes de reverberação e timbres do que foi gravado em MIDI. "Este é um dos pontos fortes do Sonar 8", atesta Terahata. "A qualidade e a diversidade de sintetizadores e outros instrumentos virtuais, como o Dimension Pro ou o True Piano, fazem as possibilidades da criatividade musical se expandirem de forma impossível até então em um único pacote."

MASTERIZAÇÃO

Com o Sonar, não é preciso utilizar qualquer outro software para finalizar um trabalho, pois as ferramentas de masterização oferecidas suprem com maestria as necessidades dessa etapa do projeto.

O alto poder de processamento em 64 bits proporciona grande precisão e qualidade para masterização profissional. Os plug-ins do Sonar aquecem o som da maneira desejada, imprimindo um acabamento perfeito às produções. **(Renan Dias)**



Setup perfeito

Nilton Corazza e Rafael Furugen

Música & Imagem conversou com os guitarristas Faiska e Rafael Bittencourt para descobrir como escolher entre a facilidade dos pedais e a flexibilidade das pedaleiras

Muitos guitarristas, iniciantes ou mesmo experientes, têm dúvidas se devem adquirir pedais compactos de efeito ou pedaleiras. Afinal, ambos oferecem vantagens e, por mais que se tente igualar esses tipos de produtos, características exclusivas e o uso que se pretende dar a eles fazem a balança pender. Para solucionar todas as questões, Faiska e Rafael Bittencourt, expoentes em seus estilos, contam quais equipamentos utilizam e por que preferem um ou outro.

RAFAEL BITTENCOURT

O guitarrista e compositor Rafael Bittencourt é fundador da banda Angra que, em outubro de 2009, completa 18 anos na estrada, tendo atingido a marca de mais de um milhão de cópias vendidas pelo mundo. Paulistano, iniciou sua educação musical aos 7 anos, motivado por seus pais, tendo aulas de flauta e piano. Aos 12, viu pela primeira vez Angus Young tocando em um clipe do AC/DC. Aquele tipo de atitude e som o impulsionaram a aprender guitarra. Foi para os Estados Unidos e ganhou muita experiência, decidindo-se finalmente por ser músico profissional. Em 1996, graduou-se Compositor e Regente pela Faculdade de Artes Santa Marcelina, em São Paulo. Misturando suas raízes latinas e material erudito, escreveu peças e coletou ideias para o projeto que, em outubro de 1991, batizou de Angra. Em 2008, concluiu o primeiro CD do projeto-solo Bittencourt Project, *Brainworms I*, lançado simultaneamente no Brasil e no Japão.

Qual foi o seu primeiro equipamento BOSS?

Uma pedaleira ME-5. Morava nos Estados Unidos e ela tinha acabado de ser lançada. Isso foi em 1988. Era uma das primeiras multiefeitos e, por conta disso, ninguém tinha no Brasil. Me senti megapoderoso, porque era algo exclusivo. Demorei anos para ver outra por aqui.

Você prefere utilizar pedais ou pedaleiras?

Tenho uma opinião meio híbrida. Opto pelo multiefeito por causa da

praticidade e por resolver vários problemas. Mas o conceito de criação do som não pode ser o de ligar muitas coisas ao mesmo tempo. O músico deve usar como um jogo de pedais em programas ou timbres diferentes. E nunca vai acionar todos simultaneamente. A questão é saber dosar, como se você sempre tivesse um set diferente.

Por que trocou os pedais?

Pela praticidade. Utilizei muito tempo um pre-amp MIDI. E podia ter a opção na pedaleira de controlar diferentes configurações desse equipamento. A possibilidade de comandar meu rack era muito interessante. Depois, voltei a tocar com um sistema mais simples, mas o multiefeito continuou sendo uma solução, porque tenho meu projeto-solo e o Angra, com diferentes músicas. Assim, posso programar sistemas distintos. Na turnê, às vezes, tenho que usar o amplificador da casa ou um que não é muito legal. Então, posso ligar a guitarra em linha. Somente com ela e a pedaleira, consigo me virar.

Isso não seria possível com os pedais?

Acredito que seja difícil conseguir essa mesma flexibilidade com os pedais. E, com a diversidade de sons de diferentes trabalhos que faço, teria que ter uma pedalboard muito grande ou uma para cada trabalho, já que uns são pesados e outros tem um timbre mais vintage. Com a GT-10, consigo ter essa gama de timbres em um equipamento só.

Quais são as vantagens dos pedais?

A maior vantagem é o fato de não serem digitais. Todo o circuito analógico mantém os harmônicos do som natural da guitarra mais presentes. O sistema digital tem a praticidade, porém, de certa maneira, "esfria" o timbre.

E como você compensa isso?

Com equalizadores, mexendo, encontrando o som. Mas também existem diversos modelos de pedaleiras. A que tiver um processador potente consegue manter mais os harmônicos originais.

Qual equipamento você indica para quem está começando?

Existem muitos guitarristas preocupados com o equipamento sem saber tocar. Às vezes, três ou quatro compactos custam o mesmo que um multiefeito. Mas, se o artista quer vários deles e tiver um propósito para isso – o que, geralmente, não ocorre com quem está começando –, ele pode compensar com a pedaleira, que apresenta custo-benefício muito bom. Mas é um sistema que ele deve aprender a mexer. Eu sempre estou descobrindo coisas.

Existe algum timbre impossível de conseguir pela pedaleira?

Os pedais mantêm os harmônicos mais fiéis por serem analógicos. Eles não transformam um sinal para gerar outro, mas pegam o original, acrescentam algo e o jogam para frente.

FAISKA

Faiska ganhou um violão aos 11 anos e não mais parou. Em 1973, iniciou sua vida profissional na banda de Eduardo e Silvinha Araújo. Na década de 1980, dedicou-se à música instrumental ao lado de Celso Pixinga. E entre os diversos artistas com quem dividiu o palco estão Fábio Jr., Leandro & Leonardo, Rita Lee, Wanessa Camargo, Fagner e Os Incríveis. Além de cuidar de sua carreira-solo, é professor do IG&T (Instituto de Guitarra e Tecnologia), em São Paulo, e, apesar de suas raízes de blues e rock, gosta de mesclar estilos e tendências.

Qual foi o primeiro equipamento BOSS que você utilizou?

Um pedal CE-2 Chorus. Foi um som dos deuses. Aquele chorus limpinho. Não desligava aquilo por nada no mundo. Comprei em 1980 e tenho até hoje.

E depois dele?

Comprei o OD-1 Over Driver, que também tenho até hoje. Na verdade, utilizei somente os dois por muito tempo. Alguns músicos que acompanhavam o Roberto Carlos viajavam e traziam os pedais para vender. Eu não tinha muito dinheiro, mas consegui ambos.

Por que escolheu os pedais BOSS?

Os equipamentos BOSS têm inúmeras características positivas. Primeiro, o som é bom demais. E eles são inquebráveis. Quando eu era moleque, queria ter uma pedaleira. Então, fiz uma para dois pedais. Ficava em uma caixinha, com uma fonte vagabunda. Certa vez, estava tocando em um bar e derrubaram uma bebida na beira do palco. O aparelho começou a fazer um barulho esquisito, cheio de chiado. Acabou minha noite. Cheguei em casa, abri o equipamento, liguei o secador de cabelos no frio e fiquei secando o circuito. Fiz por intuição. Conforme ia mexendo no potenciômetro, o apito foi sumindo. E, no fim, ficou bom e funciona até hoje. Depois, consegui um DS-1 da década de 1970, da primeira série. Tenho uma coleção com inúmeras marcas. Mas os modelos BOSS são os únicos de que não me desfaço.

Por que decidiu montar uma pedaleira?

Na verdade, queria ter um pedalboard. Os pedezinhos ficavam ligados em uma malinha e eu achava lindo. E trabalhava com esses dois porque não havia necessidade de outros.

Por que optou pelos pedais?

Quando iniciei, na década de 1980, nem existia esse negócio de pedaleira. Me acostumei e gosto muito dos pedais por conta da praticidade. Um delay, por exemplo. É impraticável colocar em casa o volume que uso em um palco. O ambiente não comporta, o músico não aguenta, sobram graves. Então, faço a regulagem do efeito para um nível baixo. Ao tocar alto, sobra delay. Nos stompbox, apenas viro os botõezinhos do level, do repeat e resolvo a situação. E os pedais têm o timbre bem característico dos guitarristas que são minhas referências, como Jeff Beck, Jimmy Page, Ritchie Blackmore. Eles usavam isso na época e eu permaneci. Acredito que quando o músico encontra o seu som, tem que mantê-lo. É sua marca registrada. Quem ouve B.B.King sabe que é ele. E mais:

se um deles pifar, tiro do caminho e continuo me apresentando. Tenho um setup pronto, mas há um lugar que sempre fica vago. Antes de um show, escolho um modelo aleatório para ver como vai ficar. É um laboratório.

Você já utilizou pedaleira?

Sim. Tive duas BOSS BE-5, que tinha o circuito analógico de alguns pedais em uma caixa de plástico. Mas me desfiz delas e me arrependi. Meu primeiro disco, *Nevoeiro*, foi gravado em 1990 inteiramente com essa pedaleira. Estou em busca de uma. Se achar, compro.

É possível conseguir o mesmo timbre dos pedais na pedaleira?

Conheço vários guitarristas que tocam com pedaleira e tiram sons incríveis. Mesmo que as pessoas falem de distorção e overdrive digital, acredito que elas fazem um timbre bacana. Mas o músico se acostuma com determinada coisa. Eu, por exemplo, tenho um prazer muito grande em ficar em casa fazendo testes com os pedais. Acho os compactos bem mais práticos, mas não tenho nada contra os multiefeitos digitais.

Qual o melhor caminho para quem está começando?

Recebo muitas perguntas desse tipo em meu site. Como estou sempre modificando meu setup e divulgando, a molecada acredita que sou expert. Se o aluno tem condições de comprar pedais, dependendo do estilo, acho que vale a pena. Mas a pedaleira tem uma relação custo-benefício bacana. Sai muito mais caro montar um set de dez pedais.

Há equipamentos mais fáceis para quem começa?

Essa garotada é tão acostumada com tecnologia que não tem dificuldade. Às vezes, nem vê o manual e vai descobrindo. Mas é preciso ter paciência. O legal da pedaleira é pesquisar, porque há vários reverbs, delays e chorus. Nesse ponto, obviamente, o pedal é muito mais fácil: basta ligar e tocar.

RAFAEL BITTENCOURT

Existem estilos específicos para cada equipamento?

Não. A questão é a utilidade que o músico faz de seu equipamento. Não optei por questão de estilo, mas por ter tudo ali. Gosto de coisas práticas. Parei de tocar com alavanca para simplificar. Apanhava muito para afinar meu instrumento com um monte de molas. Também tirei a chave de trava de corda, porque nunca estava com ela por perto. E minha guitarra só tem o botão de volume. Estou procurando facilitar minha vida na estrada e acredito que o multiefeito faz isso. Tenho uma página para cada música da banda. Demoro para programar, mas, nas turnês, é simples.

E em estúdio?

Vale tudo. Na gravação do meu disco, usei a GT-8, porque não tinha a GT-10, e pedais. Em estúdio, há tempo para experimentar. E o músico está muito mais atento para qualquer mudança. Ali, cada decibel faz diferença. Na estrada, tudo tem que funcionar rápido.

Como foi a adaptação de um para o outro?

Tive um pedal antes da pedaleira. Cada modelo tem um sistema. Geralmente, para fazer uma coisa simples, um som, basta ligar. O que esse equipamento tem são muitos recursos e, para aprender a utilizá-los, é preciso um pouco mais de tempo.

Como faz nos shows?

Só utilizo a GT-10. Inclusive, na maioria dos shows, tenho usado os prés dela, seja o pre-amp ou os pedais, porque traz mais o som natural da guitarra.

O que os companheiros de banda acharam?

Eles elogiaram a evolução da qualidade de som e a diferença em relação à GT-8.

E quanto a resistência?

Acredito que a pedaleira é mais delicada por conta do peso. A queda de uma GT-10 pode ser mais danosa do que a de um pedal. É possível que processadores e memória se abalem com o impacto.

O que falaria para um músico para optar por uma pedaleira?

No caso da GT-10, ela tem um controle de saída que torna muito fácil manter o timbre quando for ligada em linha, no return ou no input de um amp. Há um controle de impedância, presetado, que conserva a sonoridade fiel. No estúdio, às vezes, o músico resolve tudo com a pedaleira em linha. Sem ter que girar

muitos botões, basta controlar o tipo de saída que está mandando. Por conta disso, existe mais versatilidade na estrada e em gravações. Independentemente do lugar que o guitarrista está, ele consegue o mesmo som.

Foi muito complicado encontrar o timbre ideal na pedaleira?

O guitarrista gosta de ter coisas de seu instrumento, de experimentar, por isso o sucesso dos pedais. Isso faz parte do nosso prazer de tocar e de ouvir os timbres. E eu tenho a mania de nunca parar. Não há som ideal. O músico deve estar sempre procurando coisas novas. Não existe uma verdade absoluta sobre isso. O que existe são aplicações.

Você acha que os pedais limitam essa busca pela som?

Todo guitarrista que usa pedal tem um armário. Ele cria o timbre e leva só o que ele definiu. No caso da pedaleira, na maioria dos casos, há um pedal, um efeito e uma outra coisa. Mas estou carregando o meu estoque.

Quantos pedais você tem?

Não contei. Mas devo ter uns 20.

O pedal corre sério risco de desaparecer?

É como o vinil. Há todo o romantismo. Os pedais ajudaram a compor a história do rock e vai ter gente pagando uma fortuna para comprar esses equipamentos que o Faiska tem **(risos)**.

SETUP RAFAEL BITTENCOURT

“Escolho meu setup por música. Tento deixar o mínimo de coisas ligadas ao mesmo tempo. Mas, em estúdio, é guitarra direto no amp. Estava usando a GT-10 configurada para o pré-amp do Mesa Boogie Rectfire no modo *Vintage*. Agora, estou experimentando ligar no amplificador limpo com o *Overdrive Loud*. Estava sentindo falta do aquecimento da válvula, que é o que o amplificador deveria dar. Com o overdrive, o som está vindo com mais punch e definição.

FAISKA

Existem estilos próprios para um ou para outro?

Não. A pedaleira é bem completa. Há vários tipos de overdrive e de distorção. Quando me chamam para uma gravação, pergunto qual o estilo. Dependendo da resposta, vou até meu armário e escolho os pedais que mais se adequam àquilo. E levo alguns sobressalentes para acrescentar.

Qual o equipamento mais prático em estúdio?

A vantagem da pedaleira é a saída balanceada para ligar direto na mesa. Mas quando faço gravações, costumo levar o meu ampli e o meu setup. São sempre os mesmos equipamentos que vão comigo para qualquer lugar. Já tenho intimidade. Às vezes, dou uma palhetada de uma forma justamente por causa daquele pedal.

O timbre é mais importante que a praticidade?

É fundamental. Sabe o que é engraçado? Várias vezes eu ouvi amigos tocando e achei o som ótimo. Quando fui usar os mesmos equipamentos, não gostei. Ao escolher os pedais, como distorção, por exemplo, dou preferência para os que não têm muito excesso de graves e agudos. O legal da BOSS é que ela comenta sobre pessoas que customizam stompboxes. Tenho o DS-1 da década de 1970, um modificado pelo AnalogMan, outro pelo Robert Keeley, e um terceiro pelo Vodka e, por incrível que pareça, tenho um de 2000. É uma coleção de DS-1 e cada um tem suas características. Há um em que somente as frequências altas foram modificadas. Outros têm menos graves e agudos. Acho sensacional ter o original, um meio booster e um mais macio, tipo overdrive.

É possível montar um kit de pedais que substitua uma pedaleira como a GT-10?

Sim. Quando me chamam para fazer um trabalho, por exemplo, querem meu feeling, minha interpretação, meu som. Cheguei a um ponto em que amigos descobrem que eu gravei tal jingle por conta de um timbre característico. Preciso de um ou dois delays, um reverb e um chorus. Nunca modifico. Posso tirar um e colocar outro. Mas não fico escolhendo se quero o

Chorus 1, o 2 ou o 3. Para mim, não faz diferença porque tenho meu setup preparado.

Existe alguma situação em que o pedal não consegue suprir a necessidade?

Não creio. Depende do gosto pessoal. Mas na pedaleira há muitos mais efeitos por um preço bem em conta.

Tem algum pedal especial?

Tenho um carinho especial pelo CE-2. Na verdade, tenho dois, assim como o CS-2, o compressor. Uso a vida toda e nunca deu problemas.

E o preferido?

Acho que a distorção é uma das partes mais importantes do timbre. Se eu fosse dar uma canja e pudesse escolher um pedal, seria o DS-1 modificado pelo Vodka.

O que falaria para promover os pedais?

Eles facilitam em uma quebra. Às vezes, o músico pode levar só um para dar uma canja. E ele mantém mais a tradição do som da guitarra. Mas, em quantidade de efeitos, a pedaleira realmente ganha. Pelo custo-benefício, montar um pedalboard com dez pedais fica bem caro. E, para mim, é paixão.

Quantos pedais você tem?

Tenho 54 ou 55. Só da BOSS – 35 – acredito que todos. Mas possuo alguns repetidos, como o DS-1.

Você ainda procura novas versões desses pedais?

Sou um interessado nisso. E em pedaleiras também. Quando tocam, quero saber como é.

SETUP FAISKA

“Tenho oito ou dez pedais. Da guitarra, envio o sinal para o TU-2, que é afinador, e para o line selector BOSS LS-2. Depois dele, divido em duas séries: uma para clean e outra para distorcido. No primeiro, uso apenas compressor e chorus. No segundo, coloco três pedais: um drive como booster e dois distortion. Às vezes, como um com o outro ou uso separado. No input, ligo os efeitos que tem que entrar antes, como o wah-wah, e, no output, coloco os delays e o loopstation BOSS RC-2. Costumo alterar a distorção. Tenho diversos tipos de chorus, como chorus ensemble e o super chorus, mas o CE-2 é do coração. Tem um primeiro overdrive e, depois, há um espaço, que pode ser para um DS-1 ou um SD-1. Por fim, vem o DS-1, que é o pedal leal.

Com muito orgulho

O modelo Prelude traz, além de alto-falantes embutidos, 50 ritmos brasileiros desenvolvidos por músicos daqui

A Roland foi a primeira fabricante de instrumentos musicais a apostar na regionalização de seus teclados arranjadores. Na década de 1990, a empresa surpreendeu o mercado com os primeiros equipamentos dessa linha, projetados em conjunto pela Roland Europe e pela Roland Brasil. Os modelos EM-Jr, E-280B, E-480B e EM-1B eram comercializados com ritmos do País na memória interna e o painel totalmente traduzido para o português.

Os estilos foram desenvolvidos por músicos e arranjadores daqui, assim como toda a tradução dos termos. Pela primeira vez na história, os tecladistas do Brasil tiveram à disposição ritmos genuinamente nacionais, com o suíngue e o molho tupiniquim. Samba, chorinho, bossa-nova e forró estavam presentes, ao lado do sertanejo e do pop rock verde-amarelo.

Em 2001, a empresa lançou sua segunda geração de teclados nacionalizados. A série Alpha fez muito sucesso em todo o País com três equipamentos: Alpha-1, Alpha-Jr e Alpha-07. Os modelos foram uma evolução da linha anterior, com melhor qualidade sonora, mais recursos e maior variedade de estilos. Ao mesmo tempo em que os instrumentos brasileiros eram apresentados, a Roland trabalhava em outros países, com produtos regionalizados para os mercados europeu e asiático.

Com o passar dos anos, a multinacional resolveu inovar: a terceira geração teria a sonoridade dos sintetizadores profissionais da marca. Em 2008, nascia, então, uma nova série de arranjadores Roland, com o lançamento do GW-8.

O recém-chegado Prelude possui a mesma plataforma do GW-8. Ambos contam com 50 ritmos brasileiros, com estilos que vão de norte a sul do País. Além disso, carregam em seu coração o chip que pertencia ao FANTOM-X, workstation que se manteve líder de mercado por quatro anos.

RECURSOS

O Prelude possui alguns comandos básicos que oferecem praticidade para o músico: controle de ajuste de oitava, botões para misturar patches (*Dual*) e dividir o teclado (*Split*), e outro para regular o balanço de volume entre sons da mão direita e acompanhamento e bateria da esquerda.

Na parte de timbres, há dez bancos em que os instrumen-



Detalhes do painel

tos estão divididos por famílias: pianos, cordas, metais etc. Pressionando um desses botões, os sons disponíveis são visualizados no display LCD do instrumento. O músico também tem a possibilidade de escolher os patches a serem utilizados por meio das teclas iguais às de uma calculadora, bastando digitar o número do timbre desejado.

O Prelude possui 896 sons além dos tradicionais 256 do padrão GM2. Entre eles, os destaques ficam por conta dos pianos acústicos e elétricos, assim como dos timbres de violão, cordas, órgãos e sopros. Instrumentos tipicamente brasileiros também estão presentes no teclado: tamborim e cavaquinho são alguns dos que se destacam.

A qualidade dos sons do Prelude é muito superior à da linha E, principalmente em relação ao modelo E-50 que está sendo substituído por ele. A forma de geração sonora da série anterior é diferente do sistema do novo equipamento, herdada do Fantom-X. Vale lembrar que a linha Fantom-X permite usar até oito formas de onda para criar um instrumento. Com essa tecnologia, os sons desses produtos alcançam um nível incrível de realismo e asseguram que o tecladista tenha na ponta de seus dedos as mais variadas nuances de qualquer instrumento, seja acústico ou eletrônico. "Os timbres são ótimos. E muitos são usados nos shows de Claudia Leitte", afirma Luciano Pinto, tecladista da cantora.

Na parte de estilos, além dos 50 brasileiros, o Prelude conta com diversos ritmos clássicos, como jazz, valsa, rock e blues, entre outros. Todos são compostos por até oito instrumentos, proporcionando acompanhamentos ricos e dinâmicos. Com isso, o tecladista tem a impressão de estar tocando com uma banda ao vivo. Os nacionais, por sua vez, foram programados em conjunto por engenheiros da Roland Brasil e da Roland Japão. Pela primeira vez na história, um teclado possui uma quantidade grande de ritmos regionalizados em sua memória. Foram selecionados gêneros de norte a sul do País (*veja o box*), para que os músicos possam executar o mais variado repertório. Esses estilos puderam lançar mão de instrumentos característicos, como tamborim,



violão de sete cordas, cavaquinho, surdo, cuíca, pandeiro e outros tradicionais, para maior realismo na reprodução.

Os ritmos oferecem quatro variações, introduções e finalizações, e seis viradas de bateria (fill-in). Também apresentam linhas específicas para acordes maiores, menores e com sétima, principalmente nas introduções e finalizações. Além dos acompanhamentos automáticos da memória interna, o músico pode criar outros, utilizando o software Cakewalk Sonar, assim como adicionar novos estilos via pen drive. A Roland Brasil, para isso, está disponibilizando gratuitamente ritmos elaborados na plataforma do Prelude/GW-8 em seu site (www.roland.com.br).

Esse pequeno dispositivo de memória oferece muitas outras facilidades no uso com o Prelude: além de carregar novos estilos, ele possibilita a leitura de arquivos SMF (MIDI file) e mp3. O pen drive também permite que o usuário salve suas gravações e faça um backup de todos os registros do teclado. O arranjador possui o recurso *Center Cancel* que cancela ou minimiza o volume dos vocais de qualquer música. Com isso, é possível imaginar-se tocando com seu artista favorito graças ao playback original. "Podemos reproduzir o som real das músicas, diminuir quase totalmente a voz mixada no centro do pan, cantar e tocar, fazendo uma nova mix com o timbre escolhido para acompanhar o playback original. Isso é fantástico", surpreende-se Pinto.

FACILIDADES

O Prelude permite que o músico faça toda sua programação de painel e salve em um único botão. O tecladista tem 128 alocações de performance disponíveis para criar suas gravações, memorizando estilos, sons, volumes, andamentos e efeitos, com a opção de nomeá-las para facilitar a busca.

Ele também pode fazer gravações utilizando o sequencer do equipamento. Para começar, é possível captar a performance usando o ritmo com acompanhamento automático e os timbres da mão direita. Em seguida, o músico pode acrescentar canais



Porta USB para uso de pen drives

sobrepostos ao registro inicial.

O modelo é fornecido com dois softwares: o *Style Converter* - que permite converter os ritmos feitos em um computador para o formato do equipamento - e o *Playlist Editor* - que possibilita criar uma lista das composições que irá executar usando arquivos SMF ou mp3. Esse playlist funciona como um jukebox, em que o tecladista coloca suas músicas na ordem que deseja apresentar.

Além de todas essas características, o Prelude possui um par de alto-falantes que geram 22W RMS, com perfeita equalização de graves, médios e agudos. O teclado é supercompacto, pesando menos de 8 quilos. Com este modelo, a Roland comprova todo seu comprometimento com o mercado e com os músicos brasileiros.

A versão 2 do sistema operacional do Prelude traz recursos importantes que, definitivamente, transformam o teclado em um arranjador completo. A grande novidade fica por conta da possibilidade de criação de estilos pelo usuário. O tecladista agora possui ferramentas para construir ou modificar um ritmo no equipamento e pode usufruir do *Style Makeup Tools*, conjunto de recursos para polimento dos estilos. Na reprodução de arquivos midi (SMF), as letras das músicas são visualizadas no display, graças à função *Lyrics*. Além disso, o reconhecimento dos acordes executados pela mão esquerda está mais aprimorado e preciso.

Para conhecer todas as novidades da versão 2 do Prelude e, também, do GW-8, basta visitar o site www.roland.com.br.

(Sergio Terranova Jr.)

Estilos brasileiros

Mais do que apresentar somente os estilos nacionais tradicionais, muitos deles existentes em outros modelos, o Prelude oferece novidades e ritmos atuais, que suprem a necessidade dos músicos em todas as áreas de atuação:

POP REGGAE BR	SAMBA-ROCK	AXÉ 2	BOSSA N BASS	XOTE NORDESTE
ROCK BR	PAGODE 1	SAMBA-DURO	FORRÓ 1	BAIÃO
FUNK CARIOCA 1	PAGODE 2	BREGA	FORRÓ 2	MARCHINHA
FUNK CARIOCA 2	SAMBA-ENREDO	CALYPSO	FORRÓ LENTO	VANERÃO NORDESTE
MPB FUNK	SAMBA 1	ARROCHA	FORRÓ UNIVERSITÁRIO	VANERÃO SUL
SERTANEJO 1	SAMBA 2	BOSSA 1	FORRÓ PÉ-DE-SERRA	VANERÃO CENTROESTE
SERTANEJO 2	SAMBA 3	BOSSA 2	FORREGGAE	CHAMAMÉ
ARRASTAPÉ	CHORINHO	BOSSA 3	QUADRILHA	XOTE SUL
GUARÂNIA	SAMBA-REGGAE	BOSSA 4	BUMBA-MEU-BOI	MILONGA
SERESTA	AXÉ 1	BOSSA SAMBA	FREVO	RANCHEIRA

Por mais de 300 anos
o piano se manteve inalterado...
até agora!



V-Piano™
Um novo conceito, uma nova era



Além de proporcionar um inacreditável som de piano acústico, o novo equipamento Roland oferece a possibilidade de personalizar os timbres por meio da alteração de características importantíssimas na geração sonora. Desde a espessura dos martelos e o revestimento das cordas até a ressonância do corpo, todos os elementos podem ser manipulados, rompendo a barreira da fidelidade absoluta. E o teclado dotado do mecanismo *Progressive Hammer Action III* faz que o V-Piano responda de maneira particular a cada toque, graças ao processador dedicado a analisar e modelar o som do instrumento.

Roland
www.roland.com.br

Par perfeito

A Roland Systems Group, responsável mundialmente pelas marcas RSS e Edirol, apresenta uma nova solução em monitoração pessoal baseada nos produtos M-400 e M-48

O mixer V-Mixer M-400, com o auxílio do sistema Digital Snake, revolucionou o mercado profissional com a solução de transferência de áudio digital via cabo de rede e o protocolo REAC (Roland Ethernet Audio Communication). Essa tecnologia possibilita a transmissão totalmente livre de ruídos de interferências de RF e problemas de indução de rede elétrica, assim como da perda natural de altas frequências por impedância do cabeamento.

Além da qualidade da transmissão do áudio, tanto o V-Mixing quanto o Digital Snake possuem pré-amplificadores de microfones de altíssima categoria aliados a conversores AD/DA extremamente precisos em 24 bits, o que torna a sonoridade do

sistema ímpar a tudo que se ouviu nos últimos tempos.

Dentro dessa mesma solução, e pelos motivos acima citados, o Live Personal Mixer M-48 é o sistema de monitoração pessoal com o mais alto nível de qualidade de áudio desenvolvido.

Setup convencional

Em um diagrama de monitoração convencional são necessários diversos equipamentos para possibilitar o perfeito funcionamento do fluxo de trabalho durante um show, como:

Splitter – é a parte oculta de todo o sistema, posto que muitos desconhecem para que serve. Geralmente, existem duas consoles de áudio que recebem exatamente

as mesmas fontes sonoras (instrumentos e vozes). Portanto, há a necessidade de um equipamento que duplique esses sinais e os envie para a mesa. Praticamente 90% das soluções utilizadas em shows ao vivo nada mais são que cabos em “Y” com uma entrada e duas saídas via multicabo analógico, que possui apenas transformadores para evitar que a tensão de phantom power de uma console queime os pré-amplificadores da outra.

A necessidade, nesse caso, seria de um splitter ativo e isolado que realize o processo eletronicamente no circuito de um equipamento especialmente projetado para isso, e não, simplesmente, um cabo que, por si só, é gerador de ruídos e totalmente



M-48: monitoração individualizada e flexível

vulnerável a induções magnéticas e de rádio frequência (RF).

Duas consoles de áudio – as consoles para um sistema convencional de monitoração recebem as mesmas fontes sonoras, sendo que cada uma possui funções diferentes. A de PA (público) mixa um barramento (no caso de um cluster central), dois (PA estéreo) ou até seis (PA 5.1). A mesa de monitor deve mixar para oito barramentos no mínimo e 48 no máximo, pois está fazendo uma mixagem diferente para cada músico. Essa console deve ter o maior número possível de saídas auxiliares, o que a encarece vertiginosamente. Isso também desafia a multifuncionalidade do técnico de monitor que, além de fazer todos esses “malabarismos”, ainda deve ter um cuidado

especial com as personalidades de artistas no momento mais delicado e importante para eles: a performance ao vivo. O profissional também sofre com a questão do volume que os músicos necessitam no palco com monitores de chão convencionais, o que acaba atrapalhando, por consequência, o técnico de PA. Principalmente em locais menores e fechados, o vazamento do sistema de retorno é do mesmo nível ou muito próximo do necessário para sonorizá-los.

Sistema RSS

O novo sistema de sonorização e monitoração pessoal da RSS necessita de uma console M-400, do multicabo Digital Snake e de um splitter. Quando se trabalha o áudio em ambiente digital, a distância e as repetições não

alteram a qualidade do sinal. A própria V-Mixer possui uma porta chamada Split que envia 40 canais para outra unidade igual ou para um computador que realizará a gravação.

A partir da console, basta conectar ao sistema o distribuidor S-4000D, que multiplica os sinais para oito mixers de monitoração pessoal M-48. Com isso, cada músico pode alterar os níveis das fontes sonoras durante a performance sem se preocupar com a comunicação com o técnico de monitor. A M-400, portanto, possui um papel de extrema importância, pois nela são ligados os multicabos que estão no palco e o distribuidor REAC S-4000D.

A flexibilidade da configuração é outro diferencial. São 40 canais de áudio distribuídos para 16 grupos



que podem ser enviados para cada console M-48 de maneira totalmente independente. O Input List do músico, por conseguinte, não precisa ser o mesmo. Isso oferece ainda mais uma liberdade para o instrumentista ou cantor no palco.

Um baterista pode ter, por exemplo, oito grupos com apenas as peças do instrumento em canais abertos (bumbo, caixa, chimbau, tom1, tom2, surdo, overL e overR) e as outras fontes sonoras agrupadas como vozesLR, cordasLR, baixo, tecladosLR. Nessa mesma banda, o cantor principal tem a possibilidade de montar seu Input List com voz, backing1, backing 2, violão, guitarra, drumsLR etc.

O controle master

Da console M-400, é possível fazer todos os endereçamentos mencionados acima, além do acesso à mixagem de cada uma das M-48 do sistema. Muitos técnicos alegam que tais inovações podem tirar seus empregos, mas o que se vê é que, cada vez mais, a presença do operador de áudio se faz muito importante e será ele mesmo que mixará, com o necessário headroom, cada console. Ao músico ficará apenas o ajuste fino dessa mixagem e - porque não? - as mudanças extremas de uma música para outra no show.

Obviamente o sistema também pode ser controlado via laptop, no caso de serem utilizadas outras consoles que não a M-400. Mas a V-Mixer facilita o workflow e torna ainda mais simples as conexões como um todo.

Possibilidades

O M-48 é capaz de mixar até 16 grupos (mono ou estéreo) em dois layers de oito canais cada. Uma característica muito apreciada, principalmente pelos músicos, é o Reverb individual, que faz do sistema uma estação completa de monitoração.

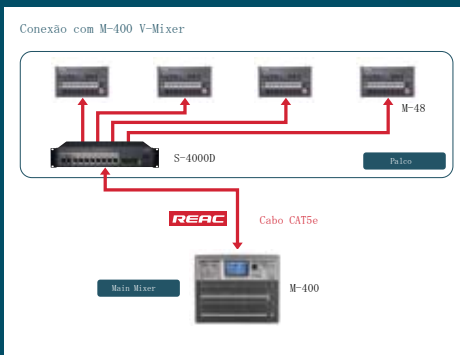
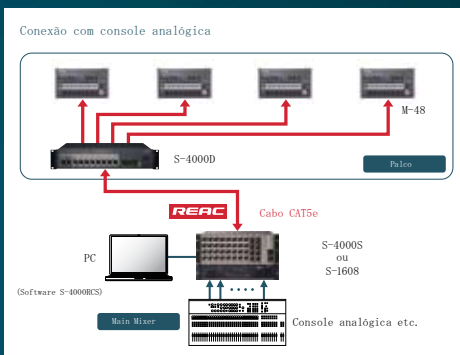
Na console M-48, é possível alterar o volume de cada um dos grupos, a panorâmica deles no sinal (Pan) e a equalização de três bandas (Low Gain, Mid Gain, Mid Freq, High Gain), além do send do reverb.

O equipamento possui uma entrada estéreo, com volume independente para click ou fontes externas, e uma saída para gravação, que é muito útil para o músico saber o que ele está ouvindo e analisar essa questão fora da pressão do ambiente ao vivo.

Cada M-48 ainda possui um microfone de ambiência no painel traseiro para que os instrumentistas não se sintam confinados sem a percepção da receptividade do público e possam se comunicar. Essa característica revoluciona o conceito de monitoração pessoal, pois evita que o usuário tenha a sensação de estar ouvindo um player portátil de áudio, mas tocando em um palco, ao vivo, com todos os imprevistos que possam acontecer.

Tornando ainda mais simples a instalação, o M-48 é alimentado diretamente pelo cabo de rede, evitando a necessidade de conectá-lo a uma tomada próxima do músico.

Duas saídas de áudio, uma de fones de ouvido e uma de linha estéreo, ainda possibilitam a utilização do sistema convencional de monitor de chão.



Essa solução, além de muito prática, é extremamente compacta para uma turnê, mesmo que as unidades sejam levadas na bagagem do avião. A console M-400 é, sem dúvidas, a mais leve do mercado, pois a maioria dos pré-amplificadores está no Digital Snake. O cabeamento de rede, por sua vez, é de fácil instalação e muito popular, e pode ser conseguido no próprio local. O M-48, em muitos casos, está no próprio case junto com o instrumento, sem alterar consideravelmente o peso do mesmo.

O mais importante é que além da liberdade de ouvir, o músico garante que, em todas as cidades em que se apresentará, estará escutando a mesma qualidade de áudio, não dependendo de sistemas locais.

(Alex Lameira)

A produção é sua. Assuma o controle!

composição pré-produção gravação mixagem masterização

SONAR V-STUDIO 700



Foto meramente ilustrativa

V-STUDIO 700

- Processamento em 64 bits compatível com Windows XP e Vista
- Hardware do Fantom VS
- Oito pré-amplificadores de microfone de altíssima qualidade
- Acompanha SONAR 8 PRODUCER



SONAR 8 PRODUCER

- Ferramentas que atendem desde a pré-produção até a masterização
- 42 plug-ins de efeitos
- 14 instrumentos virtuais, incluindo Rapture e Dimension Pro
- Número ilimitado de pistas, inserts, efeitos e buses



cakewalk
by Roland
www.cakewalkbrasil.com.br



Técnica, lazer e estudo

Com o lançamento do Digital Entertainment Piano RM-700, a Roland oferece um modelo completo para entretenimento



A qualidade dos pianos digitais Roland é reconhecida em todo o mundo. No Brasil, sempre que questionados, professores, diretores de escola, alunos e especialistas do ramo afirmam que os instrumentos que mais se assemelham aos acústicos são os dessa marca. Além disso, um leque de opções que se ajustam às mais diversas necessidades é oferecido com os modelos de cauda (RG-1, RG-3 e RG-7), a linha HP e o LX-10, lançado no início do ano.

O maior responsável por essa preferência é o cuidado da empresa em relação ao mecanismo de teclas e aos timbres de piano. O teclado com Escapement (ou duplo escape), uma exclusividade Roland, tem sido fator decisivo na escolha, principalmente, por escolas que desejam usufruir dos recursos de um modelo digital sem abrir mão da técnica do instrumento acústico. Ajustes de ruído do martelo, de ressonância de tecla solta e de cordas por simpatia e outras possibilidades, por sua vez, conferem total fidelidade à sonoridade.

O público, no entanto, aguardava com ansiedade por um instrumento que agregasse essas qualidades mecânicas e acústicas aos conhecidos estilos de acompanhamento automático desenvolvidos pela Roland. A espera valeu a pena. Os visitantes que experimentaram o novo piano digital lançado pela empresa durante a *Winter NAMM Show*, realizada em janeiro na cidade de Anaheim, foram unânimes ao declarar sua satisfação. Fãs da linha HP, dos ritmos dos arranjadores da série E, dos recursos dos modelos HPi e da versatilidade do VIMA encontraram no RM-700 o modelo perfeito.

SOB MEDIDA E VERSÁTIL

Para quem procura a sensação realística de um piano de concerto, o RM-700 oferece duplo escape (Escapement) e acabamento Ivory Feel, que imita a textura do marfim e do ébano. Construído em camadas que absorvem o suor e a oleosidade natural dos dedos, esse aperfeiçoamento faz que a execução seja mais segura, sem a necessidade de enxugar as teclas ao fim de apresentações prolongadas. O recurso Escapement, por sua vez, reproduz o mecanismo dos instrumentos acústicos: o martelo, depois de ferir a corda, fica a uma pequena distância dela e sob total controle da tecla enquanto permanece abaixada. Assim, quando esta é acionada novamente, responde de forma mais rápida.

A polifonia de 128 vozes possibilita que o sampleamento realizado em cada tecla seja perceptível em todos os detalhes, evidenciando que as notas não foram digitalizadas por amostragem. A sutil variação natural dos tons graves ou agudos agrada os ouvidos mais apurados.

No RM-700, há possibilidade de alterar todas as características que têm influência na sonoridade de um piano

acústico, incluindo cem níveis de ressonância. Quem quer simular a sutil diferença de afinação entre as notas graves e agudas - existente nos instrumentos originais - pode contar com a função *Duplex Scale*, que permite o ajuste de cada corda. Desde o "peso" do teclado, passando pelo intervalo de tempo de ataque do martelo após acionar a tecla e o ruído dele ao percutir a corda, até a ressonância do encordoamento, tudo pode ser configurado no RM-700. Dessa forma, cada unidade torna-se única, com detalhes customizados. O timbre de piano desenvolvido pela Roland angariou admiradores por todo o mundo. Mesmo assim, se alguma modificação for necessária, o modelo oferece equalizador de cinco bandas, viabilizando maior controle entre as baixas, médias e altas frequências.

Como aproveitar essa tecnologia para executar peças antigas em um equipamento tão moderno? Basta escolher um entre os oito temperamentos históricos disponíveis: a afinação viajará através dos séculos e a música soará da maneira proposta pelo autor. Além disso, se piano não for o instrumento desejado, um dos 818 timbres do RM-700 pode ser escolhido.

FUNÇÕES EDUCACIONAIS

Com seções para crianças ou adultos, os exercícios em forma de jogos educacionais da série "Wonderland" podem ser utilizados em sala de aula ou em casa para reforçar o que foi aprendido. Ao terminar uma série de estudos, um "mestre" digital dá sua nota. E o discípulo deve insistir até conseguir um "10".

Além disso e da extensa seleção de músicas presentes na memória interna, outra facilidade existente no RM-700 é uma grande auxiliar para a pedagogia: o professor pode tocar e gravar as lições que devem ser praticadas. O aluno, então, cancela a reprodução da mão direita e ouve somente a esquerda, por exemplo, acompanhando-a ou vice-versa. E, caso a música esteja com um tempo muito acelerado, é possível diminuir o andamento utilizando a função Metronome.

Quem busca mais perfeição, ainda tem a possibilidade de registrar sua própria performance, pois detalhes que não são notados na execução podem ser facilmente corrigidos em uma gravação.

RITMOS E RECURSOS DE VÍDEO

Assim como os modelos da linha KR, o RM-700 não é simplesmente um piano arranjador. Acompanhamento automático, harmonização, timbres: tudo pode ser escolhido pelo equipamento para que o músico se preocupe apenas em tocar. Por conta disso, é denominado Intelligent Piano.



Assim como a linha E de teclados Roland e os órgãos Atelier, o RM-700 apresenta ritmos gravados por percussionistas, que transmitem autenticidade e realismo para acompanhar os mais diversos estilos musicais. São 276 tipos com quatro variações.

O modelo também pode ser o convidado especial de uma festa ou reunião com amigos. Basta conectar um monitor de computador ou uma TV à saída de vídeo do piano, escolher a coleção de músicas internas ou uma seleção no pen drive e ativar a função *Slide Show*. As fotos existentes na memória portátil ou as armazenadas internamente deslizarão suavemente com a qualidade que apenas a Roland, com seu know how também na área de imagens, oferece. O usuário, caso prefira, pode acessar o recurso *Anime* e optar entre fogos de artifício, motivos florais, notas musicais e barras aleatórias, entre outros. Reconhecendo as nuances da composição, essas animações trarão uma emoção a mais, podendo ser sobrepostas ao *Slide Show*. E é possível conectar um microfone, escolher os efeitos mais apropriados, entre *Auto Harmony*, *Transformer* ou *Vocal Echo* e transformar o encontro em uma celebração inesquecível.

O RM-700 também traz inovações para salas de aula, pois usando o equipamento conectado a um monitor de TV de tamanho grande, todos podem acompanhar os jogos ou as partituras.

DESIGN

O RM-700 apresenta gabinete compacto, porém robusto. Seu painel é de fácil manuseio, sem apresentar uma infinidade de botões e luzes. O sistema de amplificação de 60W X 2 está discretamente embutido no móvel, que possui duas opções de acabamento: Mahogany, na tonalidade marrom com leve toque avermelhado, e Satin Black, preto com brilho acetinado.

Segundo Tomohiro Odagaki, gerente assistente de vendas internacionais da Roland Japão, o RM-700 é um instrumento que agregou recursos que existiam em muitos produtos fabricados pela empresa: "A proposta foi unir a facilidade e qualidade da linha HP, a interatividade dos pianos HPi e a inteligência da linha KR. Conseguimos! O RM-700 concentra isso tudo!" **(Amador Rubio)**

Digital Entertainment Piano

A classificação do RM-700 como Digital Entertainment Piano é a que melhor descreve o produto:

Digital - um equipamento digital deve concentrar tecnologia que, ao contrário do sistema analógico, faz que comandos e sons sejam transmitidos livres de interferências ou ruídos, tornando-os puros e com alto grau de fidelidade. Essa é a matéria-prima da Roland. Além dos pianos, instrumentos como órgãos, órgãos de tubos, acordeões, baterias e até cravos foram transformados em modelos digitais capazes de serem confundidos com os acústicos. É o que ocorre com todos os timbres e ritmos do RM-700: desde o ruído do toque do arco contra as cordas de um violino e do ar que vaza no soprar de um saxofone, até o da baqueta de madeira batendo contra o aro de um tambor, tudo é fiel ao original.

Entertainment - segundo o dicionário, "entreter" é sinônimo de "recrear, divertir". Com o RM-700, não apenas o pianista se diverte. A capacidade de reproduzir arquivos de áudio possibilita ouvir um cantor ou um conjunto e conectar um monitor na função *Anime*, em que paisagens, fotos e vários tipos de efeitos de animação acompanham as músicas reproduzidas. E, enquanto o instrumentista não chega, microfone e arquivo de músicas internas proporcionam uma animada sessão de karaokê.

Piano - o ponto de honra da Roland: o melhor teclado e timbre do instrumento acústico digitalmente reconstituído. A unanimidade internacional desse conceito dispensa comentários. São artistas, escolas, igrejas, conservatórios, teatros e grandes instituições no Brasil e no exterior que utilizam os pianos digitais Roland com elogios, tornando-se fiéis à marca que sempre honra o compromisso com essa fidelidade.

LX-10 | Sofisticação em cada detalhe



• Sistema de fechamento com amortecedor



• Gravação e reprodução de arquivos de áudio



• Parte interna da tampa do teclado com acabamento espelhado

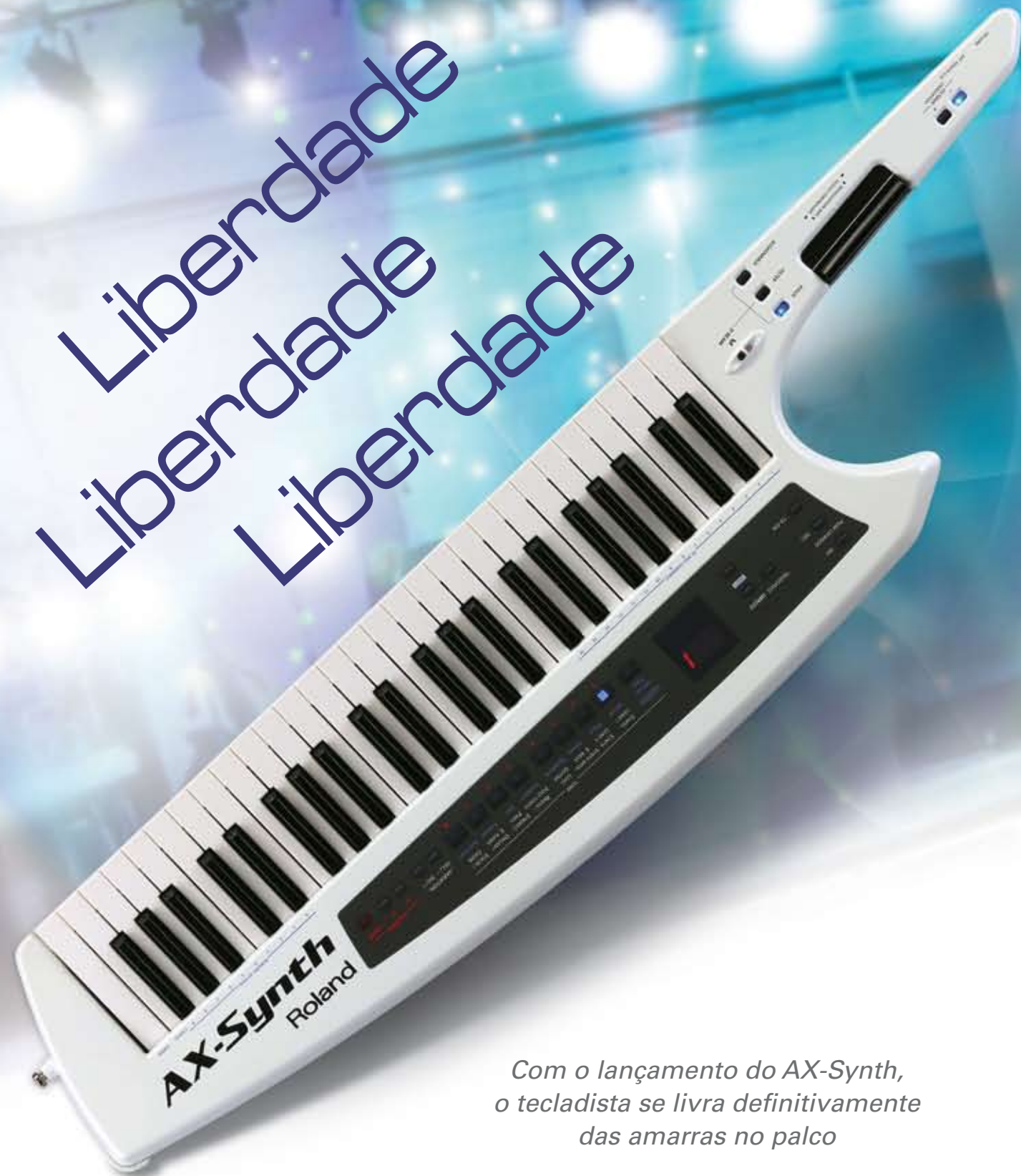


• Saída para dois fones de ouvido

- Teclado com Progressive Hammer Action II Ivory Feel com Escapement
- Compacto, com 453 mm de profundidade
- Sistema de som com seis alto-falantes
- 88 teclas multissampleadas em estéreo

Roland
www.roland.com.br

Liberdade
Liberdade
Liberdade



*Com o lançamento do AX-Synth,
o tecladista se livra definitivamente
das amarras no palco*

A história dos sintetizadores portáteis Roland teve início na década de 1980, quando a empresa lançou o modelo SH-101. Com 32 teclas, esse pequeno instrumento poderia ser utilizado tanto na forma convencional, em uma estante, quanto como uma guitarra, usando, para isso, uma correia que possibilitaria liberdade para o músico caminhar pelo palco.

O teclado possuía gerador de sons próprio, mas não permitia o controle de periféricos externos. Basicamente, com seu processador, era possível apenas criar timbres eletrônicos. Em 1982, época de lançamento do produto, não existiam sintetizadores com conexões MIDI, protocolo divulgado apenas em 1983. No entanto, dois anos depois, a Roland anunciou seu primeiro controlador portátil.

PRIMÓRDIOS

O modelo AXIS tinha 45 teclas sensíveis e dotadas de aftertouch, algo revolucionário para a época. A alimentação de energia era feita por meio de uma fonte externa conectada ao instrumento por um cabo de 8 metros de comprimento, o que impossibilitava total liberdade de locomoção para o músico. Nela também estava presente a conexão MIDI, que permitia comunicação com o mundo exterior.

O equipamento possuía botões dedicados para seleção de canais MIDI, program change e transpose, além de comandos de pitch bend, modulação e volume estilo wheel. As programações eram selecionadas por meio das teclas. Na época, o AXIS foi um destaque na linha de controladores portáteis.

Em 1998, a marca lançou o segundo modelo desse tipo, o AX-1. De cor vermelha, o equipamento fez sucesso em diversos gêneros. Era comum vê-lo nas mãos de músicos, tanto de rock

progressivo, jazz e fusion quanto de pagode, forró e muitos outros estilos.

O AX-1 trazia uma série de botões em seu painel e contava com design moderno, mantido pela empresa nos modelos seguintes. Com 45 teclas, o produto apresentava duas grandes novidades em relação ao AXIS: o controle ribbon e o compartimento para pilhas. O uso desse tipo de baterias permitia que o tecladista tivesse um pouco mais de mobilidade, desde que usasse um cabo MIDI de extensão longa. Deslizando o dedo por sobre o primeiro, era possível aplicar bend (tanto para cima quanto para baixo) e modulação.

Logo após a virada do século, a Roland lançou seu terceiro controlador portátil, o AX-7. De cor contrastante em relação ao modelo anterior, o equipamento foi um aperfeiçoamento do aclamado AX-1. Como destaques em termos de inovações, podem ser citados display em LED para visualização de canais MIDI, program change e outras informações; compatibilidade com os padrões GM2/GS; e D-Beam, recurso exclusivo dos equipamentos Roland, que permite comandar parâmetros como filtros e ressonância por meio do movimento das mãos sobre um feixe de luz infravermelha.

O AX-7 foi fabricado entre 2001 e 2004 e, durante o hiato existente depois disso, a Roland se propôs a desenvolver e lançar algo diferente de tudo que havia sido feito nessa categoria de produto. Em 2009, a empresa surpreendeu a todos apresentando o AX-Synth na *Winter NAMM Show*, realizada em Anaheim, em janeiro.

INOVAÇÃO

O projeto que resultou no AX-Synth é decorrência da união de forças entre Roland Europa e Roland Japão. O equipamento é branco e o design dele segue as linhas de seus antecessores, mas com pequeno aumento em suas dimensões: trata-se de um modelo com 49 teclas.

Em relação aos recursos, a empresa decidiu premiar seus fãs: o AX-Synth é o primeiro sintetizador portátil multisampler da marca. No coração do instrumento trabalha o chip Roland, que carrega patches lendários e sons inéditos. O modelo oferece uma consagrada biblioteca de timbres, utilizada nos últimos anos pelas clássicas linhas FANTOM e JUNO, além da recente e incrível tecnologia SuperNATURAL.





Os timbres estão divididos em oito conjuntos, com 32 patches cada, e o acesso a eles é muito simples: depois de definir o grupo, basta trafegar pelos sons sequencialmente. Existe também a opção de selecioná-los usando a última oitava das teclas e digitando o número do escolhido. Na memória do AX-Synth há de tudo, desde pianos, órgãos e cordas até sonoridades clássicas de leads e pads. Toda a tradição Roland em timbres eletrônicos está presente, com sons que remetem o tecladista às décadas de 1970 e 1980.

Na família SuperNATURAL estão violino, cello, trombone e shakuhachi, tradicional instrumento de sopro japonês e excelente opção para solos na linha étnica. Essa tecnologia rompeu barreiras na geração sonora, recriando toda a textura orgânica e "tocabilidade" dos sons acústicos e eletrônicos.

A família que fecha o grupo é chamada *Special Tones*, e traz trompete, sax, strings e jazz scat, presença tradicional nos equipamentos Roland desde a década de 1980.

O equipamento permite que o tecladista memorize 16 sons favoritos nos grupos A e B dos oito switches que reúnem as famílias de patches, o que o torna extremamente prático. Há, também, uma série de botões dedicados a funções como transpose, master tune e oitava, além dos controles do recurso D-Beam, barra de modulação e touch ribbon.

Na parte traseira do "braço" do AX (parafaseando o universo guitarrístico) estão presentes alguns knobs que comandam o volume geral, o after touch (as teclas não possuem este re-

curso, mas é possível controlá-lo por meio desse desse botão giratório), o portamento, o modo de trabalho do pitch bend e o HOLD, que simula o pedal de sustain.

No painel traseiro estão todas as conexões do equipamento: saídas de áudio estéreo (com conexão P10), alavanca de atenuação para diminuir o nível de sinal de saída, saída para fones de ouvido, porta USB, conexões MIDI, entrada para pedal e conector da fonte de alimentação. O AX-Synth também funciona com oito pilhas AA (as recarregáveis podem ser usadas) e conta com recurso de visualização do nível de carga das baterias.

Toda essa implementação tecnológica não comprometeu o peso do instrumento, que possui somente 3,9kg, contra 3kg do modelo anterior. Pelo fato do AX-Synth ter sons internos, basta ao músico utilizar um transmissor de microfone sem fio e oito pilhas para ter total liberdade em seus shows. Finalmente os guitarristas não estarão mais sozinhos na frente do palco.

(Sergio Terranova Jr.)

ATUALIZAÇÕES

O site da Roland Brasil disponibilizará para download o software editor de sons do AX-Synth. Com esse programa, que roda tanto em PC quanto em Mac, é possível modificar e criar sons utilizando as formas de onda da memória do equipamento. Basta instalá-lo e conectar o computador ao teclado com um cabo USB.

KEYTAR

Controladores Roland AXIS, SH-101, AX-1 e AX-7, também chamados "shoulder keyboards" ou "keytars", fizeram sucesso nas mãos de muitos músicos de renome:

808 State	George Duke	Justin Timberlake	Portishead
Adam Wakeman	Henrik Klingenberg (Sonata Arctica)	Kaiser Chiefs	Rick Wakeman
Aphex Twin	Herbie Hancock	LCD Soundsystem	System of a Down
Chick Corea	Jean Michel Jarre	Madonna Wayne Gacy (Marilyn Manson)	The Prodigy
Devo	Jordan Rudess	Peaches	Thomas Dolby
Eurythmics			Vince Clarke



SH-101



AXIS



AX-1



AX-7

SOLUÇÕES INOVADORAS PARA MÚSICA ELETRÔNICA



• Sintetizador de modelagem analógica com timbres clássicos • Arpejador
• Leve e compacto • Controlador de infravermelho D-Beam

• Pads sensíveis • 29 efeitos, incluindo Subsonic e BPM Looper • Importa e exporta arquivos WAV/AIFF

O sampler SP-404 e o sintetizador SH-201 são produtos essenciais para quem deseja fazer parte da atual cena da música eletrônica.

Também são os equipamentos mais procurados por DJs, produtores e artistas que buscam personalizar seus sets com criatividade e energia.

Afinal, a galera já não se satisfaz em ouvir as mixagens de sempre.

Roland
www.roland.com.br

Incentivo virtual

Jogos eletrônicos, como Rock Band e Guitar Hero, estão cativando novos interessados para o aprendizado musical

A evolução tecnológica costuma trazer inúmeros benefícios para a humanidade, principalmente quando acompanhada da disseminação de vantagens e aplicações. Desde um modesto controle remoto até um sofisticado smartphone, é cada vez mais frequente observar pessoas utilizando equipamentos avançados para realizar tarefas cotidianas. Tanto que, atualmente, não é necessário sair de casa para fazer compras ou efetuar transações bancárias.

E neste exato momento, o avanço da ciência também está revolucionando o setor musical. Após a criação de instrumentos digitais e o desenvolvimento de mídias compactas, surge uma nova forma de executar composições, muito mais simples e intuitiva que a tradicional. Enquanto guitarristas famosos, como

Ritchie Blackmore, Keith Richard e Kirk Hammett se desdobram para executar riffs, solos e levadas de clássicos como "Highway Star", "Gimme Shelter" e "Enter Sandman", agora é preciso apenas seguir movimentos propostos para conseguir o mesmo resultado. E isso não fica restrito às seis cordas. Baixistas, bateristas e vocalistas também podem usufruir dessas vantagens.

Essa nova proposta de tocar só foi possível graças a jogos como Guitar Hero e Rock Band. Desenvolvidos para os principais consoles da atualidade, o sucesso desses games foi arrebatador. Em apenas quatro anos, esses dois títulos venderam mais de 30 milhões de cópias pelo mundo inteiro. Com isso, não é muito difícil encontrar crianças, adolescentes e, até mesmo, adultos que costumam

passar horas na frente de uma televisão brincando de ser astros do rock. Munidos com uma guitarra de plástico ou com uma bateria de quatro pads, eles fazem caretas, suam e, principalmente, se divertem, fazendo que a sala de casa torne-se o palco de um grande espetáculo.

BENEFÍCIOS

Diferentemente do que muitos podem imaginar, esse passatempo traz inúmeras vantagens para o aprendizado, tanto que algumas escolas começaram a instalar salas específicas para os games. Uma das instituições que seguiu essa tendência foi a Escola de Música e Tecnologia (EM&T), em São Paulo. De acordo com Célio Ramos, diretor do estabelecimento de ensino, esses jogos favorecem a convivência entre os alunos. "É mais um ingrediente nosso que corrobora para essa experiência, juntamente com loja, auditório, workstations de estudo e cyberspace", explica.

E os benefícios vão além da socialização, já que os games exigem e proporcionam maior percepção rítmica. "O jogador tem que prestar atenção na forma da composição, como introdução, verso, ponte e solo. O timing também é interessante", analisa Marcio Okayama, professor do Instituto de Guitarra e Tecnologia (IG&T).

Mas a principal vantagem fica por conta dos repertórios apresentados, com sucessos de Ramones, Aerosmith, Black Sabbath e Police, entre outros. Com essa variedade de clássicos,

crianças e adolescentes ganham mais uma forma de entrar em contato com músicas que não são muito veiculadas pelos meios de comunicação. "Esses jogos acabam se tornando uma referência mais sofisticada", observa Ramos. Okayama, que ficou surpreendido quando um aluno tocou a introdução de "Ziggy Stardust", de David Bowie, por conta do Guitar Hero, também acredita que essa é a grande diferença dos games. "A garotada acaba conhecendo materiais que eram exclusividade de aficionados", atesta.

PRÁTICA

Entre os estudantes, as opiniões são variadas. Eduardo Cestare, que toca bateria há seis anos, acredita que os jogos podem ser benéficos, principalmente, para quem está começando. "Os iniciantes conseguem ter uma boa noção sobre marcação de tempo e compasso", explica o jovem que começou a ouvir Megadeth por conta do Guitar Hero. O baterista Marcelo Zanola vai além. "Apesar de todos falarem que é apenas um game, a experiência é muito real", atesta.

Outros, porém, não acham graça nessa nova tendência. O músico Marcelo Oliveira afirma que jogou uma vez com um sobrinho e, mesmo assim, não ficou interessado. "Ainda prefiro tocar bateria de verdade", conta. Já Nilton Wood, professor do Instituto de Baixo e Tecnologia (IB&T), tem uma opinião um pouco menos conservadora. Apesar de não ter vontade de experimentar a novidade, o acadêmico acredita que é uma excelente inspiração. "Nunca subestimei. Se falam tanto, alguma coisa de legal tem."

(Rafael Furugen)

AUXÍLIO DE PESO

A Roland Corporation também está investindo neste segmento. Além de patrocinar o jogo Rock Band, no qual aparecem alguns pedais de efeitos para guitarras e teclados baseados em modelos das marcas BOSS e Roland, a empresa acaba de desenvolver um produto que auxilia no aprendizado musical, mas de maneira fácil e intuitiva.

Lançado no início de 2009, o software Drum Tutor DT-HD1 pode ser considerado um professor particular de bateria. Recomendado para o kit HD-1, o programa interativo disponibiliza duas formas de estudos: partituras ou game. No primeiro modo, o aluno acompanha uma notação de notas com bolinha indicadora. No outro, ele segue os comandos do computador, que apresenta quais pads tem que ser tocados. Esse formato é muito semelhante aos jogos para videogames. "No fim, ele fornece uma pontuação que indica se o usuário está executando corretamente", explica Michel Brasil, especialista de produtos da Roland Brasil.

Com 34 preset patterns – sendo 8 exercícios e 26 músicas de vários estilos, como jazz, dance e rock, entre outros -, o software é compatível com arquivos Standard Midi Files (SMF). Por conta disso, os usuários podem



utilizar suas canções preferidas para estudar. Essa opção também abre novas possibilidades. "É muito útil para o baterista que vai se apresentar e precisa tirar diversas músicas, já que o programa entrega as partituras prontas", revela Brasil.

O Drum Tutor DT-HD1 também apresenta outras vantagens, como a possibilidade de alterar a velocidade de execução - de 20 a 250 bpm - e retirar os sons da bateria, além de metrônomo e repetição de partes. O pacote traz o software, que é compatível com Windows Vista ou XP, uma interface MIDI Cakewalk UM-1G e um cabo de áudio para conectar uma V-Drums HD-1 ao computador.



Guitarras de brinquedo utilizadas nos games



ATRASO?

Existe "atraso" no sinal quando se usa uma guitarra ligada ao sintetizador GR-20?

Carlos Markiewicz
Rio de Janeiro - RJ



Para que cumpra sua função, o GR-20 precisa identificar a nota tocada na guitarra por meio do captador hexafônico GK-3. Depois disso, ela é convertida em informação MIDI pelo próprio equipamento, que a envia ao seu módulo gerador de timbres. Este,

por sua vez, reproduzirá o som do instrumento selecionado pelo usuário (piano, trompete, violino etc). O GR-20 necessita, portanto, que a corda vibre pelo menos uma vez para identificá-la. Este é o tempo de atraso total, imperceptível aos ouvidos humanos.

Para comprovar isto, é indispensável usar um pouco de matemática. A nota mais grave da guitarra é a corda Mi solta (E grave). Ela vibra na frequência de 82,4 ciclos por segundo. O GR-20 leva o tempo de uma vibração completa para identificar qual foi tocada. No caso do Mi grave, esse tempo seria igual a 1 segundo dividido por 82,4 ciclos, o que resulta no valor de 0,0121 segundos, ou seja, aproximadamente 1 centésimo de segundo.

As notas agudas, por vibrarem em frequências mais altas, têm tempo ainda menor de "leitura". A Mi aguda, por exemplo, tem sua captação realizada em 3 milionésimos de segundo. Esses tempos são imperceptíveis ao ouvido, mas apenas tem validade nos casos em que o captador hexafônico GK-3 foi instalado seguindo os padrões exigidos.

O que acontece frequentemente é que o som selecionado no GR-20 possui um atraso natural. É o caso de instrumentos de sopro, como trompetes, saxofones etc, em que o ataque carrega sempre um pequeno retardamento. Esse elemento é natural e o equipamento o simula com fidelidade. E este é exatamente o principal recurso desses produtos. Ao utilizar a GR-20 com um timbre desse tipo, portanto, o guitarrista deve pensar como um trompetista ou um saxofonista. Não adianta querer tocar um lick do Malmsteen com um timbre de trompete!



Sergio Motta
Gerente de produtos BOSS

GARANTIA

Comprei uma pedaleira BOSS GT-10 quando estive nos Estados Unidos e ela está apresentando problemas. Como faço para fazer valer a garantia de meu produto?

João Carlos Maciel
Goiânia - GO

A Roland Brasil possui uma rede com mais de 30 assistências técnicas em diversas cidades do País. Com esses postos autorizados, a empresa complementa sua estrutura de marketing, no que se refere ao pós-venda de seus produtos. Por meio do CTR (Centro Técnico Roland) é mantido contato diariamente com a rede autorizada, trocando importantes informações sobre equipamentos e fornecimento de peças. Essa convivência permite aprimorar o relacionamento com essas empresas, além de agilizar os processos de manutenção. Nos casos mais complexos, há condições de fazer um acompanhamento efetivo das ordens de serviço de certos aparelhos, não permitindo que a assistência técnica permaneça sem apoio. Atualmente, esse método é facilitado graças às diversas ferramentas que a internet oferece.

Os produtos comprados fora do País, no entanto, não possuem garantia em território nacional. O mesmo acontece com aparelhos adquiridos em estabelecimentos que não fazem parte de nossa rede. Para obter o benefício de um ano em mão-de-obra e peças, válido a partir da data de aquisição, é importante que o equipamento tenha sido adquirido em lojas autorizadas. A lista dessas revendas está em nosso site, mas, se for preciso, o interessado pode confirmar essa informação via e-mail: basta escrever uma mensagem na seção Suporte Técnico.

Ainda assim, é muito importante exigir a nota fiscal emitida pela loja. Caso o equipamento necessite de manutenção durante o prazo de garantia, basta encaminhar o mesmo para uma assistência técnica autorizada, juntamente com o original desse documento.

O certificado de garantia que acompanha nossos produtos apresenta as regras sobre as coberturas do período, além da lista de assistências técnicas autorizadas para equipamentos das marcas Roland, BOSS, Ediol, Cakewalk e RSS. Verifique em nosso site a lista atualizada de assistências técnicas autorizadas e a rede de revendas autorizada (www.roland.com.br).

Francisco Edson de Souza Pereira (Pakito)
Gerente do CTR



VÍDEO EM EVENTOS

Trabalho com eventos no interior do Estado de São Paulo e preciso de um equipamento que, ao mesmo tempo em que me dê flexibilidade, responda com alta qualidade para apresentação de imagens.

Geraldo Magela Andrade
Pindamonhangaba - SP



A imagem está presente em nosso cotidiano. Nos lugares mais comuns, como lojas ruas, metrô etc., o uso de ferramentas de vídeo é uma realidade. Pode-se imaginar, portanto, a importância dele em festas e eventos. A cobrança para que faça parte do leque de serviços oferecido, em qualquer tipo de acontecimento social ou corporativo, tem sido cada vez maior, quando não uma exigência no ato da contratação.

Uma solução apresentada pela Ediol para esse mercado é o Visual Sampler P-10. O produto reproduz vídeo, foto e áudio com um único toque nos botões. O armazenamento é feito em um cartão de memória SDHC inserido na parte traseira do equipamento. A organização desses arquivos é feita pelos pads A-1 até F-12, cada um deles com 12 botões, totalizando 864 posições de atalho.

Além da reprodução imediata desses arquivos, o P-10 possibilita a utilização de vários efeitos em tempo real, como controle de velocidade de reprodução e de volume do áudio, ajuste de cor, output fade, reverse e pontos de repetição de vídeo, slide show personalizado para fotos e configuração de frame inicial e final, entre muitos outros recursos.

O aparelho apresenta mais uma grande vantagem: uma entrada de áudio e vídeo para reprodução imediata da fonte conectada (câmera, DVD etc) possibilita a gravação dessa imagem ou frame para uma das posições do P-10, permitindo que seja utilizado como replay.

Por conta de todas essas características, esse sampler é uma excelente opção para as mais diferentes aplicações. Em eventos sociais, casamentos ou formaturas, por exemplo, armazena slide show com fotos da turma ou do casal, e vídeos com recados dos familiares ou tutores. Para o mercado corporativo, como transmissões pela internet ou conferências, é possível arquivar vinhetas, logos, comunicados e tudo mais que seja necessário. Ele pode ser utilizado, também, em rodeios, como recurso de replay, e em raves, graças à versatilidade dos efeitos.



Maurício Martins
Especialista de produtos Ediol Video



PEDAIS

Os pedais dos pianos digitais Roland funcionam como os dos pianos acústicos?

Maria Cecília Costa Pinto
São Paulo - SP

Os pedais dos pianos Roland podem apresentar as mesmas finalidades existentes nos modelos acústicos tradicionais - Damper, Sostenuuto e Soft - reconhecendo, inclusive, a função de meio-pedal. Entretanto, como se trata de um instrumento digital, é possível acessar outros recursos por eles.

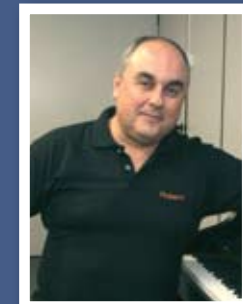
O pedal central e o esquerdo também podem ser programados para:

- ligar ou desligar efeitos nos timbres, como, por exemplo, alterar a velocidade do rotary no timbre de órgão;
- ativar o PLAY/STOP na reprodução de músicas gravadas;
- sobrepor o segundo timbre na função Dual Play, ou seja, ao selecionar Piano e Strings, o segundo timbre (Strings) soará somente quando o pedal for acionado;
- transpor o timbre em uma oitava.

Sendo assim, é possível deixar o pedal direito como Damper - lembrando que a intensidade da ressonância é ajustável -, programar o central para acionar o timbre de cordas acompanhando o piano, e configurar o esquerdo para transpor o som uma oitava acima da região em que está sendo tocado.

Nos modelos HP-207 e superiores, ainda há funções de ajuste de volume, alteração de afinação e ativação do efeito de vibrato.

Raphael Daloia
Especialista de produtos Roland Brasil



Músico de bailes e eventos

É imprescindível para o band leader conhecer todas as áreas que envolvem o show, desde a parte gerencial até o setor técnico

Os bailes sempre foram uma escola importante para instrumentistas e cantores por causa da diversidade musical. Os profissionais dessa área acabam adquirindo grande experiência e bagagem. Apesar disso, é possível perceber certo preconceito em relação a eles por, normalmente, estarem fora da mídia. No entanto, há talentos enormes nesse segmento. Basta perceber que dali surgiram artistas e grupos que hoje fazem parte de espetáculos conceituados.

Para trabalhar em uma banda de baile, o músico deve ser muito versátil. São tocados os mais variados estilos e é necessário assimilar a característica e a linguagem de cada um. Ao executar um forró, por exemplo, é preciso fazer um estudo sobre o gênero: isso inclui a transcrição para bateria de zabumba, triângulo etc. De Frank Sinatra a NX Zero, e de Elton John a Beyoncé, faz-se cover de tudo, respeitando arranjos e sonoridade das criações originais.

No entanto, nem sempre é necessário ficar preso e apresentar exatamente uma cópia da gravação tradicional. É possível até improvisar, evidentemente tendo bom senso. No caso do forró, por exemplo, não cabe uma convenção com pedal duplo ou um fill aprendido na video-

aula do Dave Weckl, pois fogem da característica do gênero.

Fazendo uma analogia, é como ocorre nas artes cênicas. O ator deve ter formação e conteúdo teórico. E, apesar de ter suas características e preferências, empresta esse talento para um personagem que deve se integrar ao roteiro e ao espetáculo. Enfim, o profissional tem que viver aquilo, sempre atento à personalidade e às limitações do personagem que foi lhe dado. Com o músico de bailes e eventos é a mesma coisa. Ele cede seu conhecimento para determinado estilo.

Além disso, é muito importante para o profissional desse segmento o conhecimento de tecnologia, timbres e sonoridades. E, atualmente, há tudo a favor do músico: simuladores, instrumentos virtuais etc. Também é fundamental pensar na forma de tocar. Em alguns estilos, o baterista, por exemplo, deve executar como se fosse um loop, soando como uma drum machine.

Enfim, é preciso estudar e se aperfeiçoar não apenas tecnicamente. É importante pesquisar sobre ritmos e suas características, sons, e até as "viagens" de cada época. Como eram os timbres dos anos 70, 80 e 90? Como eram os fills? Como os músicos interpretavam?



ANDRÉ ZAMP

Depois de ter passado por grupos dos mais variados estilos, integrou a banda de palco do SBT. Atualmente, é baterista e diretor artístico da Banda Santa Maria e trabalha em estúdios como músico e técnico de gravação.

Quais instrumentos? O que estava na "moda"? E atualmente, quais são as novas tendências?

O SEGMENTO

O mercado de bailes e eventos vem crescendo bastante. Atualmente, trata-se de um grande business. E para atuar nele o artista não pode se limitar apenas a cuidar da parte musical. São inúmeros os fatores a serem tratados. A área gerencial e administrativa é o ponto-chave como em qualquer outro negócio. Normalmente os eventos mais importantes são fechados com, no mínimo, um ano de antecedência. Desse modo, é necessário estar atento ao planejamento de datas e cronograma. E é preciso controle financeiro, pois, geralmente, se trabalha com o capital de um evento que acontecerá depois de muito tempo. E ele tem que ser realizado.

Prática em grupo

Dividir a experiência musical é, além de produtivo, um grande prazer

Quando consideramos que a organização dos sons é a base da música, percebemos que não há algo melhor do que praticar isso em grupo. Desse modo, o mundo do instrumentista cria cores, texturas, movimentos e nuances que, com ele sozinho, seriam impossíveis. Todo músico deve pensar em seu aprimoramento. E isto, na maioria dos casos, demanda muito investimento em tempo de estudo - aprendizado esse geralmente solitário -, pois há a necessidade do entendimento sonoro do instrumento e de como é possível vencer



ITAMAR COLLAÇO

Contrabaixista do Zimbo Trio, é professor na EMESP (antiga ULM Tom Jobim) e foi um dos docentes do Festival de Música de Ourinhos. Além de participar da Orquestra Arte Viva, forma, ao lado Debora Gurgel (piano) e o Percio Sapia (bateria), o grupo Triálogo.

as barreiras impostas por ele ao nosso corpo. É preciso trabalhar postura, digitação, respiração e muitos outros elementos. Quando nos reunimos em conjuntos, orquestras, bandas ou acompanhando cantores, partimos para o aprimoramento daquilo que estudamos anteriormente. Nossos sentidos, já sensibilizados, serão desenvolvidos tanto em interpretação, dinâmica e precisão rítmica quanto na audição. Esta se tornará seletiva e perceberá a mistura sonora do grupo todo, melhorando a percepção do músico. Quanto mais praticarmos com outras pessoas, maior será o aprendizado de como respeitar os limites sonoros de cada instrumento, reconhecendo as tessituras e linguagem inerentes a cada um deles.

Seletividade

Quando estudamos sozinhos, raramente prestamos atenção em dois fatores importantíssimos: a dinâmica e a interpretação. E na linguagem

musical, que é universal, esses elementos são imprescindíveis, pois a vida é feita de diferentes dinâmicas e interpretações. O ritmo, por sua vez, está intrinsecamente conectado ao estado emocional do músico e, portanto, sofre muitas interferências. Isso dificulta que o instrumentista seja preciso como um relógio, principalmente quando envolve um grupo.

Existem inúmeros problemas que o músico não consegue resolver no estudo solitário, mas que, muitas vezes, são solucionados naturalmente tocando em grupo, olhando, ouvindo, observando ou mesmo conversando com os companheiros. Além disso, há a diversidade artística que pode - e deve - ser explorada.

É preciso investir também na convivência com os integrantes da banda, pois, independentemente do número de pessoas, todos se tornarão uma família em cima do palco. Dessa confraternização nascerá essa mágica chamada música. E você não vai querer que ela acabe depois de começar a tocar.

Batuque motorizado

Demian Quirino, coordenador da área de sistemas de cartão de crédito do Banco Votorantim, conta como instalou um kit V-Drums TD-3 no porta-malas de seu carro



A cidade de São Paulo é reconhecida mundialmente por sua diversidade gastronômica e cultural. No entanto, a capital paulista também apresenta certas particularidades não tão favoráveis para seus habitantes, como o trânsito caótico. Em horários de grande movimentação, por exemplo, o congestionamento pode atingir facilmente a marca de 150 quilômetros de lentidão. Com todo esse tempo disponível, muitos aproveitam para ler jornal, mandar e-mails, ouvir músicas ou, se possível, relaxar. Já o coordenador da área de sistemas de cartão de crédito do Banco Votorantim, Demian Quirino, prefere encostar o carro para tocar bateria.

Em agosto de 2008, o músico percebeu que perdia muito tempo para fazer o trajeto entre sua casa e seu trabalho. E como não poderia estudar à noite, decidiu instalar uma bateria no porta-malas de seu carro. Mas, para isso, precisou

comprar um automóvel que comportasse o instrumento. Foi até a concessionária, conversou com o vendedor e explicou que precisaria fazer um teste. No dia seguinte, voltou com o kit V-Drums TD-3 montado e conseguiu encaixá-lo dentro de um Fiat Doblô

Definido o modelo do carro, faltava a parte mais difícil: instalar a bateria. Para fixá-la, Quirino utilizou um assoalho de madeira para não ter que furar o automóvel, além de fitas Hellaerman para garantir mais estabilidade. "Se precisar tirar, basta cortar as amarras que ela já sai montada", explica. Na questão energética, o músico conta com o auxílio de um transformador que converte de 12 volts para 110. "São muitos comuns em lojas de som automotivo", conta.

Com tudo pronto, o baterista passou a estudar no estacionamento do trabalho. Mas o caso mais curioso foi quando enfrentou trânsito no Rodoanel, alternativa viária que interliga as principais rodovias que cortam São Paulo. "Encostei o carro em um lugar onde a polícia costuma parar e fiquei estudando", relembra. Perguntado sobre o perigo, Quirino explica: "Ninguém percebeu. Além disso, o carro conta com película de proteção bastante escura que não permite a visualização interna".

Além do kit V-Drums TD-3, o músico conta com o piano digital RD-300SX. Quirino também teve outros equipamentos da empresa, como o sintetizador D-50, o teclado JV-1000, o módulo MV-30 e o controlador AX-1. O fanatismo é tanto que até o seu antigo cachorro levava o nome da companhia. "Todos os veterinários conheciam a Roland", conta. **(Rafael Furugen)**



Quirino e sua bateria volante

CUBE-80X MUITO MAIS QUE UM AMPLI

mkt roland

Lançamento



- 80 watts de potência
- Falante de 12" de alto desempenho
- Canais CLEAN e LEAD com 10 simulações de amplificadores
- Quatro efeitos de modulação e afinador embutido
- Delay com TAP TEMPO e simulação de REVERB de mola
- Função "LOOPER" que grava até 38 segundos com overdubs
- Função SOLO que memoriza um ajuste principal
- Saídas de linha e fones de ouvido
- Entrada auxiliar para MP3 player ou baterias eletrônicas

www.rolandbrasil.com.br/cube-80x

► Conheça toda a linha CUBE-X



Roland
www.roland.com.br

TD-20KX

A bateria para o profissional

- Novos V-Pads, V-Cymbals, V-Hi hat e V-Kick
- Rack MDS-25 reforçado
- Módulo TD-20X com TDW-20 integrada: 920 sons e 100 kits
- Customização de cores



V-Drums

www.v-drums.com.br

Roland